FABULAS
DE
ESOPO,

TRADUZIDAS DA LINGUA GREGA

Com Applicações Moraes a cada Fabula,

POR MANOEL MENDES DA VIDIGUEIRA.

Segunda Ediçaõ correcta, e emendada.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1791.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em papel a cento e cincoenta réis : Meza 3 de Março de 1791.

Com tres Rubricas.

PROLOGO

DO EDITOR.

TODOS sabem quanta impressaõ fazem nos animos dos homens as verdadeiras reprehensões encobertas com hum véo de galantaria. Os homens indo gostando da singeleza das expressões, do delicado dos conceitos, do deleite que se encontra nestes escritos, bebem juntamente a moral, e a invectiva que se faz aos seus costumes sem os escandalisar. Nada pois he mais util, e interessante do que as Fabulas, as Novellas, todas as vezes

que saõ compostas de sórte, que dellas se possa tirar a moral. Saõ reprehensiveis, e indignas de estarem contadas no número de obras, aquellas composições, onde senaõ descortina a moral, como hum tecido de ridicularias sem ordem, nem methodo, homens voando, e estatuas fallando. Semelhantes assumptos naõ se devem consentir na República das letras; naõ emendaõ os costumes, antes os corrompem, pervertem a Religiaõ, em lugar de a fazer mais respeitada, e venerada. Deste genero de escritos temos nós

na

na nossa lingua hum sem número delles, já de baixo do nome de Novellas, já com o fantastico nome de Comedias, e Operas, donde naõ tiraõ os leitores mais do que corrupçaõ, idéas extravagantes, artificios magicos, lances implicados, impossibilidades, e nada mais; e devendo emendar os costumes, maiores perversidades, e desordens fomentaõ, ensinaõ, e introduzem.

Aquellas novellas feitas com arte, e com gosto tem brotado de si fructo saboroso, e sadío; tem pulido muitas na-

nações , desbastado as perversas desordens , e máos costumes de muitos homens, em fim tem emendado muita gente. Os sábios tem remontado a origem da Fabula á invençaõ dos caracteres simbolicos , e de hum estilo figurado , isto he , á invençaõ da allegoria. Estas allegórias reduzidas a huma acçaõ simplice , a huma moralidade certa, saõ commummente attribuidas a Esopo. Quem seja o Author dellas , está em opiniaõ para muitos Authores, huns dizem que he Hesiodo , outros Archiloco ; alguns dizem que

as

as fabulas vulgarmente conhecidas com o nome de Esopo, saõ fabricadas por Socrates; em fim seja quem for o Author, as obras naõ tem merecimento por serem feitas por este, ou por aquelle, em si he que tem o valor.

As Fabulas de Esópo tem na verdade muito merecimento, servem de grande utilidade para a mocidade, para todos; porque bebendo estes contos juntamente com o leite, criaõ na alma sentimentos honrados, idéas grandes, conhecimento de si mesmo, do que saõ, e do que pódem

vir a ser: saõ como huns espelhos, em que compõe as suas acções. Saõ finalmente as Fabulas aquellas, que ensinaõ a formar o juizo, e os costumes dos meninos.

Póde-se de Esopo dizer o mesmo que de Homero, que se ignora a sua verdadeira pátria; ainda que a opiniaõ mais seguida o faz natural de huma aldeia da Phrigia. Viveo no tempo de Solon, nasceo escravo; neste despresivel emprego teve muitos Senhores. Aprendeo a pureza da lingua Grega em Athenas. As suas viagens pulíraõ, e aperfei-

çoá-

çoáraõ os seus talentos ; as respostas , que deo nos ajuntamentos dos Sábios , o distinguíraõ , e ò estimáraõ. Creso Rei da Lidia o chamou , e o estimou , o honrou , e confiou delle os seus segredos. Enviando-o este Monarca ào templo de Delfos , para offerecer em seu nome os sacrificios , recitou hum discurso sobre a natureza dos Deoses , que sublevou os de Delfos contra elle , que o condemnáraõ á mórte. Valeo-se de contar a Fabula da *Aguia* , *e do Escaravelho* , intentando por este modo movêllos á

cle-

clemencia , porém tudo foi frustrado ; que o precipitárão do cume da Rocha de *Hiampie*. Mas os Póvos de Delfos bem depressa se arrependêrão de semelhante attentado, mas já não havia outro remedio senão sentillo.

Depois da sua mórte os Athenienses lembrados de tão grande homem , lhe erigírão huma Estatua; dizem que feita por Lizipe. Tão grande foi o sentimento da sua perda em toda a Grecia, tanto se chorou a sua mórte, que os Poetas para consolarem os Póvos, se valêrão do fanatismo de di-

dizerem que tinha resuscitado. Taõ lamentavel, e de quaõ tristes consequencias he a falta de hum homem de espirito em hum Estado! E quaõ pouco ponderaõ esta maxima aquelles, que tantos perdem!

Naõ temos todas as Fabulas de Esopo; os Antigos daõ-nos noticia de algumas, que nos faltaõ; mas os Gregos as tinhaõ todas, e lhes eraõ bastante famaliares; tanto, que quando queriaõ taxar com a infame mancha de ignorancia a alguem, dizia-se: *Este homem naõ conhece Esopo.*

Querendo pois imitar este taõ célebre proverbio dos Gregos, me animei a reimprimir esta pequena colleçaõ de Fabulas as mais conhecidas de Esopo; porque estando na nossa lingua, com a sua moralidade, serve este Livro de utilidade a todos aquelles, que naõ tem maiores conhecimentos; e se haõ de gastar o tempo em obras pueris, extravagantes, de baixo de cuja ficçaõ naõ ha moral, antes veneno, he justo que o aproveitem lendo livros, que concorraõ para fazerem os homens melhores, naõ peiores.

VI-

VIDA
DE
ESOPO.

ESOPO Fabulador antigo, e famosissimo, segundo as mais opiniões, foi natural de Phrigia, Provincia de Asia, nascido em huma Aldeia por nome Amom. As feições do corpo eraõ mais monstruosas, que humanas, porque além de ter o rosto feio, e defórme, era zambro, corcovado, e corpo pequeno, a cabeça grande, fóra de proporçaõ, e sobre tudo tartamudo. Mas como a natureza a cada hum deo particular

do-

dote, foi Esopo dotado de taõ agudo engenho, que com a alteza delle se lhe apagáraõ bastantemente todas as faltas corporaes.

Sendo cativo por Gregos, veio a Athenas, onde servia a hum Cidadaõ rico por nome Aristes com outros em huma horta, de cavar, e adubiar: onde como todos o maltratassem, e desprezassem, e o maioral dos trabalhadores lhe désse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo, que faria queixumes daquelle aggravo a seu senhor Aristes, e de outros crimes que no maioral tinha notado, o qual com este medo se adiantou, e persuadio a Aristes que para quietaçaõ de seus escravos, tirasse a Esopo de entre elles, e que o vendesse. Fêllo Aristes assim, e o

ven-

vendeo a hum mercador grosso forasteiro, que alli mesmo residia, o qual o levou a huma casa, onde tinha outros muitos, que; quando o viraõ, tiveraõ asco de andar em sua companhia. Hum dizia que era bom aquelle escravo para fazer callar meninos, outros que para servir em casa de homem cioso, e outras muitas cousas desta maneira.

Acaso mandáraõ em presente ao mercador hum prato de figos formosos, que elle estimou por serem fóra de tempo, e mandou-os pôr a bom recado, para comer em principio do jantar. Tres escravos tentados da gula se conjuráraõ para comerem os figos, e pôrem a Esopo a culpa, crendo que culpado por tres testemunhas naõ poderia defender-se. Assim os

co-

comêraõ com muita festa, zombando do pobre innocente, que com açoutes os havia de pagar. Chegada a hora de comer, pedio o Senhor os figos, e foi-lhe respondido (como tinhaõ concertado) que Esopo os comêra todos. Indignou-se o Senhor, e chamando-o lhe disse: Animal feio, e bruto, que atrevimento foi o teu em comêres os figos, que mandei guardar para mim? E com isto o mandou despir para ser açoutado. O pobre Esopo naõ sabendo que fizesse, porque a lingua naõ o deixava desculpar em breve, e a cólera do Senhor naõ dava tregoas, nem espaço, remetteo com huma panella de agua, que acaso estava ao fogo, e bebendo quantidade della muito quente, metteo os dedos na boc-

ca,

ça, com que revolveo o estomago, e a tornou a lançar clara, mostrando estar em jejum, com o qual feito desmentio seus accusadores. Maravilhado o Senhor desta indústria, e vendo sua innocencia, obrigou os outros a que fizessem o mesmo, e como se cumprisse, os que comêraõ figos, os vomitáraõ com a agua juntamente, e foraõ por isso, e pelo falso testemunho castigados.

Convinha ao mercador partirse dalli tres jornadas, onde se havia de embarcar para a Ilha de Samos, e faltando-lhe bestas de carga, foi forçado repartir o fato pelos escravos. Mas como Esopo era pequeno, e fraco, deolhe a escolher a carga, que se attrevesse a levar. Era o mais pezado fardo de todos huma canas-

tra grande cheia de mantimento; a qual elle escolheo, rindo-se todos, e cuidando que naõ poderia levalla: partiraõ seu caminho, e como no fim da primeira jornada comessem, alliviáraõ hum pedaço a canastra, com que ficou igual dos outros; mas ao segundo dia a despejáraõ de todo, e levando-a vazia, conhecêraõ todos o seu erro, e a manha discreta, com que Esopo escolheo a carga.

Embarcou-se o mercador, e chegou a Samos, onde poz sua fazenda em almoeda, e os escravos juntamente. Estavaõ em huns alpendres, onde a feira se fazia, Esopo com dous companheiros, e ninguem fazia delle caso para o comprar, inda que muitos o olhavaõ por riso. Chegou hum Cidadaõ, e perguntou a hum dos

com-

companheiros que sabia fazer para o comprar? Respondeo-lhe: Senhor, tenho muitas partes, sei pensar cavallos bem, e servir em tudo o de casa, sou grande hortelaõ, e bom lavrador, e em toda a cousa de campo ninguem me fará vantagem; tambem sou bom ferrador, alveitar, e entendo de ferreiro. Com isto chegou a outro, e perguntou-lhe o mesmo, respondeo: Eu, Senhor, sou destro em todas as cousas necessarias, e nenhuma me mandaráõ fazer, a que naõ dê bom expediente. Correndo mais adiante, perguntou a Esopo que sabia? Respondeo: Eu nada sei, porque como meus parceiros tomáraõ o saber de tudo, naõ me ficou que saber a mim. Disto riraõ muito todos os presentes, e hum Phi-

losopho, por nome Xanto, que alli passeava, o comprou, e levou para sua casa: o qual como hum dia com seu novo escravo fosse passear por huma horta, o hortelaõ lhe fez esta pergunta: Dizei-me, Senhor, que razaõ ha para que cresçaõ, e sejaõ sempre viçosas as hervas, que esta terra cria, e as que eu semeio, cavo, régo, e adubío, se murchem mais prestes, e fructifiquem menos. Ficou atalhado o Philosopho, e naõ soube responder; o que Esopo vendo, lhe disse de parte, que elle satisfaria á pergunta, portanto que lhe commettesse a cargo o dar resposta; entaõ o Philosopho disse contra o hortelaõ: Naõ he dúvida essa para se pôr a hum homem como eu, este escravo, que aqui vem, responderá

rá e ella ; e logo lhe mandou que respondesse. A razaõ da dúvida, disse Esopo, he esta : As hervas, que a terra voluntariamente produz, saõ filhas suas, e como taes as cria, e conserva ; as que vós semeais saõ enteadas, que a madrasta nunca com tanto gosto as alimenta : por tanto naõ he de espantar, se nos proprios filhos se enxerga vantagem no mimo, e criaçaõ differente dos enteados. Satisfez-se o hortelaõ, e espantou-se o Philosopho do engenho, e agudeza do criado.

Tinha Xanto muitos discipulos homens graves, e costumavaõ huns a outros banquetear-se. Quiz Xanto dar-lhes hum banquete, e porque tinha a mulher aspera, e pouco affeiçoada a obedecer-lhe, nem querer agazalhar os hospedes, de-

depois de comprar o necessario, encarregou a Esopo de concertar a casa, e a meza. Aconteceo que chegando-se as horas da cea começou elle a preparar seu aposento, e com muita limpeza ordenou a meza, e poz nella algumas cousas, antes que os convidados viessem, nem seu amo. Era tempo frio, e havia na casa hum brazeiro grande com fogo, ao qual a mulher chegou a aquentar-se carregada, e de máo semblante, e encostou-se ao longo delle, com as cóstas para a meza. Esopo lhe pedio quizesse olhar para a meza, naõ lha descompozesse algum caõ, ou gato; ella disse que o faria: segunda vez lhe rogou o mesmo, e que virasse o rosto para vêr; do que ella indignada respondeo, que andasse em má hora, e naõ

fos-

fosse importuno, que tambem tinha os olhos detraz. Calou-se Esopo, foi-se, e tornando dahi a pedaço, como a achasse dormindo, mansamente descobrio o lugar, em que ella disse que os olhos estavaõ. Naõ tardou muito Xantò com seus hospedes, que entrando no aposento, viraõ muito bem quanto mal composta a mulher estava, e ficou affrontado o Philosopho, e perguntando a causa a Esopo, elle lhe contou o que se passára, de que se indignou mais; e acordada a senhora, se foi muito vergonhosa, e com grande odio contra Esopo.

Corridamente agasalhou Xanto seus discipulos, e logo propoz de lançar de casa Esopo: mas sendo convidado delles outra vez, e ceando largamente, como se esquen-

quentasse com o vinho mais do necessario, começou a fallar demasias, e entre ellas affirmou que beberia o mar todo: contradisseraõ os discipulos, e elle porfiou, até que apostáraõ grande somma de dinheiro, e Xanto deo de sinal o seu annel. Ao outro dia, resfriado já do furor, achou o annel menos, e perguntou por elle. Respondeo Esopo: Como, Senhor, naõ vos lembra que o déstes hontem de signal sobre a aposta, que fizestes de beberdes o mar todo? Como he possivel, disse Xanto, que eu fizesse tal proposta, ou quem póde beber o mar? Isso naõ sei, disse Esopo; mas vós apostastes. Ficou Xanto confuso da aposta, que fizera, sem lhe poder achar sahida, até que Esopo, vendo-o taõ triste, lhe

lhe disse: Senhor, naõ vos agasteis, descançai, que eu vos tirarei dessa affronta, e farei que ganheis o preço. Alegrou-se com isto Xanto, e vindo o dia limitado, vieraõ os discipulos a dizer-lhe que cumprisse o que ficára, ou, dando-se por vencido, pagasse o preço. Xanto respondeo que era contente, e informado por seu escravo do que havia de fazer, se foi com elles á borda do mar, onde pozera a meza, e cópos, estando em róda a gente toda da Ilha, que se aballou a vêr maravilha tamanha, como era querer hum homem recolher o mar em seu estomago. Prestes todo o necessario, começou Xanto a fallar ao povo, dizendo: Varões de Samos, eu apostei com estes discipulos que havia hoje de beber es-

este mar todo; respondaõ elles se he verdade, e se bebendo-o eu, cumprirei o promettido, e elles se daráõ por vencidos? Todos respondêraõ que sim. Disse entaõ Xanto: Pois que assim he, e eu fiquei de beber o mar, prestes estou a cumprillo; mas elles haõ de cerrar primeiro todos o rios; que no mar entraõ, e entupir-lhes as boccas, porque eu me obriguei a beber o mar, mas naõ a multidaõ de rios, que entraõ nelle: por tanto, se querem que eu cumpra o que fiquei, he forçoso que elles primeiro impidaõ a corrente de quantos rios fazem para aqui seu curso. Naõ souberaõ responder os discipulos a isto, e o povo louvou muito a resposta do Philosopho, e todos o deraõ por livre da aposta, e tornou para ca-

sa

sa mais acreditado, que de antes. Outros muitos casos succedêraõ a Esopo com Xanto, que deixo por brevidade, até que veio a ser livre, e governar a Samos, onde compoz em lingua Grega este volume de Fabulas, que ainda naõ foraõ traduzidas.

Depois como o Rei Cresso de Lidia quizesse conquistar Samos, por seu conselho, e industria, se defendêraõ os visinhos muito tempo: porém vendo-se muito apertados, e que Cresso offerecia a paz, se lhe entregassem Esopo; deraõ-lho, ainda que Cresso naõ guardou depois palavra, como Esopo antes tinha adivinhado, e logo os poz em sujeiçaõ. Naõ quiz Cresso matar a Esopo, antes o tinha em sua casa favorecido, porque se ajudava muitas vezes de

seu

seu conselho, e habilidade. Costumava-se naquelle tempo nas partes Orientaes mandarem os Reis huns a outros enigmas, ou adivinhações, as quaes se naõ as declaravaõ, ficavaõ seus tributarios: e já por amor de Esopo, cuja fama era conhecida, ninguem ousava mandar a Cresso alguma; com tudo o Soldaõ de Babilonia lhe mandou huma confiado em sua difficuldade: veio hum Embaixador, e disse: O Soldaõ de Babilonia, meu Senhor, te manda dizer que lhe deis hum official, que lhe faça huma torre com o alicerce nas nuvens, e que vá crescendo para baixo, e se naõ pódes ou naõ entendes, lhe mandes o tributo, confórme a nossa usança. Pasmou El-Rei da pergunta, e todos os Sábios de

Ba-

Babilonia emmudecêraõ ; pore
Esopo se offereceo a Cresso q
elle a faria. E El-Rei com granc
promessas o mandou com o E
baixador. Chegando a Babilo
depois de repousar , pareceo ar
o Soldaõ , e da parte d'El-R
Cresso lhe requereo que signal
se o lugar, onde a torre quer
Foi-lhe mostrado junto da Cida
ao longo do Eufrates. Recolhe
se Esopo , e mandou fazer hu
arca de madeira pequena , e qu
drada , que tinha nos quatro ca
tos quatro cadêas , e a cada hu
estava preso hum Buitre , e tin
tambem em cada canto huns e
caixes , em que podia metter hu
astea ; isto mandou levar ao ca
po em o dia assignado , e á v
ta do Soldaõ , e da maior pa
da Cidade ; pondo-se em

der

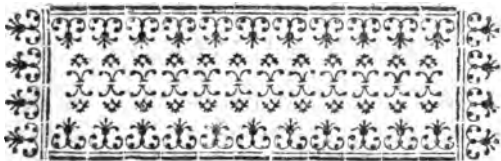
dentro no caixaõ, que naõ tinha tampa, nos encaixes dos cantos levantou quatro espetos, cada hum com seu pedaço de carne: logo os Buitres por alcançalla começáraõ a voar, e levantar juntamente a caixa a que estavaõ prezos, e como naõ chegavaõ á carne voáraõ tanto que se vio Esopo muito alto, e entre as nuvens; logo de lá com grandes brados começou a pedir ao Soldaõ que lhe mandasse pedra e cal, e começaria o alicerce: naõ havia quem lha levasse, pelo que (depois de fazer bastantes requerimentos, e protestos) tirou os espetos da carne, e os dependurou do caixaõ, por onde os Buitres logo se abatêraõ para a tomarem, e o puzeraõ em terra. Deo-se o Soldaõ por vencido; e quando quiz

quiz o deixou tornar a Lidia com tributo para o Rei Cresso, que o recebeo muito bem, vendo-se por sua indústria mais honrado.

Viveo Esopo em Lidia muito favorecido, e depois correo toda a Grecia, onde lhe succedêraõ vários casos, que aqui se naõ contaõ. Mas em todas as partes, por sua fama, e sabedoria o veneráraõ, só em Delphos naõ usáraõ com elle esta cortezia, e primor. E conhecendo ter errado, porque elle naõ os affrontasse infamando-os, e divulgando em Grecia sua descortezia, determináraõ matal-lo, e accrescentando hum mal a outro, lhe levantáraõ certo falso testemunho, porque o condemnáraõ a ser despenhado: e com muita brevidade, sem lhe valer allegar sua innocencia, foi posto sobre o

cu-

cume de huma alta rocha, e lançado dalli, chegou a baixo em mil pedaços. Todas as Cidades Gregas, e Repúblicas sentiraõ muito a sua mórte, e pouco tardou que Delphos foi destruida em vingança, segundo dizem, desta injustiça, e trahiçaõ.

FA-

FABULA I.

O GALLO, E A PEROLA.

ANDAVA o Gallo esgravatando no monturo, para achar migalhas, ou bichos, que comer, e acertou de descobrir huma pedra; disse entaõ: Ó Pedra preciosa, ainda que em lugar çujo, se agora te achára hum discreto Lapidario, te recolhêra; mas a mim naõ me prestas: mais caso faço de huma migalha, que busco para meu sustento, ou dous grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

MORALIDADE.

“ Os NESCIOS despresando os do-
” cumentos proveitosos , e doutri-
” na moral , que debaixo das Fa-
” bulas se encobre , fazem o que fez
” este Gallo ; buscaõ cousas baixas ,
” cevada , e migalhinhas ; convém
” a saber , a casca das cousas , e as
” historias deste Livro , e despresaõ
” a pedra preciosa da doutrina , que
” nellas Esopo nos quiz ensinar. Saõ
” os namorados de Penelope , que
” deixavaõ a senhora , e namoravaõ-
” se das criadas. Para que nós naõ
” sejamos do número destes , vamos
” de cada Fabula tirando huma li-
” çaõ moral , tocante ao bom go-
” verno de nossa vida. ”

FA-

FABULA II.

O LOBO, E O CORDEIRO.

ESTAVA bebendo hum Lobo encarniçado em hum ribeiro de agua, e pela parte debaixo chegou hum Cordeiro tambem a beber. Olhou o Lobo de máo rosto, e disse, reganhando os dentes: Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a agua, onde estou bebendo? Respondeo o Cordeiro com humildade: A agua corre para mim, por tanto naõ posso eu torva-vo-la. Torna o Lobo mais colerico a dizer: Por isso me has de praguejar? Seis mezes haverá que me fez outro tanto teu Pai. Respondeo o Cordeiro: Nesse tempo, Senhor, ainda eu naõ era nascido, nem tenho culpa. Sim tens, replicou o Lobo, que todo o pasto de meu campo estragaste. Mal póde ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda naõ te-

nho dentes. O Lobo, sem mais razões, saltou sobre elle, e logo o degolou, e o comeo.

MORALIDADE.

« CLARAMENTE mostra esta Fabu-
» la que nenhuma justiça, nem ra-
» zões valem ao innocente, para o
» livrarem das mãos do inimigo po-
» deroso, e desalmado. Poucas Ci-
» dades, ou Villas ha, onde naõ
» haja estes Lobos, que sem cau-
» sa, nem razaõ, mataõ ao pobre,
» e lhe chupaõ o sangue, só por
» odio, ou má inclinaçaõ. »

FABULA III.

O LOBO, E AS OVELHAS.

HAVIA guerra travada entre Lobos, e Ovelhas; e ellas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre

pre levavaõ o melhor. Pedíraõ os Lobos paz, com condiçaõ que dariaõ de penhor seus filhos, e as Ovelhas que tambem lhe entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condiçóes, os filhos dos Lobos huivavaõ rijamente. Acodem os Pais, e tomaõ isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornaõ a renovar a guerra. Bem quizeraõ defender-se as Ovelhas; mas como sua principal força consistia nos rafeiros, que entregáraõ aos Lobos, facilmente foraõ dellles vencidas, e todas degoladas.

MORALIDADE.

« Ensina esta Fabula que ninguem entregue as armas a seus inimigos, antes tenha a paz por suspeitosa, quando com sob cabeça della lhas pedem, e recee de ser tomado ás mãos como as Ovelhas. Tambem nos avisa, quanto perigo he metter em casa inimigos, nem filhos de inimigos, como fi-

„ zeraõ as Ovelhas , que querendo
„ estar mais seguras com terem os
„ filhos dos Lobos em casa , elles
„ foraõ causa da sua destruiçaõ. „

FABULA IV.

O Rei dos Bugios , e dous Homens.

CAMINHAVAÕ dous companheiros , tendo perdido o caminho , e depois de terem andado muito , chegáraõ á terra dos Bugios. Foraõ logo levados ante o Rei , que vendo-os lhes disse : Na vossa terra , e nessa por onde vindes , que se disse de mim , e do meu Reino ? Respondeo hum dos companheiros : Dizem que sois Rei grande , de gente sábia , e lustrosa. O outro , que era amigo de fallar verdade , respondeo : Toda vossa gente saõ bugios irracionaes , forçado he que o Rei tambem seja Bugio. Como isto ouvio o Rei , mandou

dou que matassem a este, e ao p: meiro fizessem mimos, e tratasse muito bem.

MORALIDADE.

« VERIFICA-SE nesta Fabula o q
» diz. Terencio, que a verdade ca
» sa odio, e fallar á vontade gan
» amigos. Com o Rei nescio naõ m
» draõ sábios, nem virtuosos, :
» naõ chocarreiros, e lisongeiros;
» daqui vem no mundo, que de c
» dinario os bons saõ sopeados,
» obedecem aos máos. Que o R
» Bugio tem odio a quem o dese
» gana, e o que mente, como aq
» fez o primeiro companheiro, es
» só he favorecido. »

FABULA V.

A ANDORINHA, E OUTRAS AVES.

SEMEAVAÕ os homens linho, e vendo-os a Andorinha, disse aos outros passaros: Por nosso mal fazem os homens esta seára, que desta semente nascerá linho, e faráõ delle redes, e laços para nos prenderem. Melhor será destruirmos a linhaça, e a herva, que della nascer, para que estejámos seguras. Ríraõ-se as Aves deste conselho, e naõ quizeraõ tomallo. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os homens, e se foi viver em suas casas. Elles fizeraõ redes, e instrumentos de caça, com que tomáraõ, e prendêraõ todos os passaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

MO-

MORALIDADE.

« Na Andorinha se denota o ho-
» mem prudente, que fica livre dos
» trabalhos, se os adivinha antes
» que venhaõ: e os que querem vi-
» ver a seu gosto, sem tomarem con-
» selho, nem preverem o mal, que
» está por vir, saõ caçados, e pagaõ
» sua ignorancia pelo corpo. »

FABULA VI.

O Rato, e a Ran.

DESEJAVA hum Rato passar hum rio, e temia, por naõ saber nadar. Pedio ajuda [illegible] huma Rã, a qual se offereceo de o passar, se se atasse ao seu pé. Consentio o Rato, e tomando hum fio, se atou pelo pé, e na outra ponta atou o pé da Rã. Saltáraõ ambos na agua, mas a Rã com malicia trabalhava por se mergulhar, por-

para que o Rato se affogasse. O Rato fazia por sahir para fóra, e ambos andavaõ neste trabalho, e fadiga. Passava hum milhano por cima, e vendo o Rato sobre a agua, se abateo pelo levar, e levou juntamente a Rã, que estava atada com elle, e no ar os comeo ambos.

MORALIDADE.

« Nesta Rã, e sua mórte, se vê
» o que ganhaõ os máos, quando ar-
» maõ trahiçaõ contra quem se fia
» delles; porque quasi sempre cahem
» no mal, que a outrem ordenaõ; e
» se o innocente morre, naõ escapaõ
» elles do castigo merecido; que quan-
» do se livrarem do temporal, cahiráõ
» depois da mórte em outro mais pa-
» ra temer. »

FA-

FABULA VII.

O LADRAÕ, E O CAÕ DE CASA.

QUERENDO hum Ladraõ entrar em huma casa de noite, para a roubar, achou á pórta hum caõ, que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladraõ, para o apaziguar, lhe lançou hum pedaço de paõ. Mas o caõ disse: Bem entendo que me dás este paõ porque me calle, e te deixe roubar a casa, e naõ por amor que me tenhas: porém já que o dono da casa me sustenta toda a vida, naõ deixarei de ladrar, senaõ te fores, até que elle acorde, e te venha estorvar. Naõ quero que este bocado me custe morrer de fome toda a minha vida.

MORALIDADE.

« QUEM se fia em palavras lison-
» geiras, ou em dadivas falsas, acha-
» se

„ se no fim enganado. Mas quem tem
„ por suspeitosas as mercês, e palavras
„ do lisongeiro cobiçoso, (como este
„ caõ teve as do ladraõ) naõ se dei-
„ xa enganar, e he leal ao senhor de
„ quem recebe mercês, como elle foi
„ sempre a seu amo.„

FABULA VIII.

O Caõ, e a Ovelha.

DEMANDOU o Caõ á Ovelha certa quantidade de paõ, que dizia haver-lhe emprestado, ou dado na sua maõ em deposito. Ella negou havello recebido. Dá o Caõ tres testemunhas, convém a saber: hum Lobo, hum Buitre, e hum Milhano, os quaes todos já vinhaõ com o Caõ sobornados, e apostados á jurar em seu favor, como com effeito juráraõ, dizendo que elles viraõ receber a Ovelha o paõ, que se lhe pedia. Vendo a pró-

va, a condemnou o Juiz a que o pagasse; e como ella naõ tivesse por onde, lhe foi forçado tosquiar o véllo, e vendello ante tempo, do que pagou o que naõ comêra, e ficou núa padecendo as neves, e frios do inverno.

MORALIDADE.

« Parece que já, no tempo que
» Esopo compôs esta Fabula, adi-
» vinhava o que hoje passa em mui-
» tos lugares, onde roubaõ aos po-
» bres, e fracos as honras, e fazen-
» das, com falsos testemunhos de
» homens desalmados, conjurados pa-
» ra roubarem o alheio. Que em ne-
» nhum lugar, contra bons homens,
» e ovelhas, faltaõ Lobos, e Milha-
» nos, que os dispaõ, e lhes chupem
» o sangue. »

FA-

FABULA IX.

O CAÕ, E A CARNE.

LEVAVA hum Caõ na bocca hum pedaço de carne, passava com ella hum rio, e vendo no fundo da agua a sombra da carne maior, soltou a que levava nos dentes, por tomar a que via dentro na agua. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou tambem a sombra, e ficou o Caõ sem huma, e sem outra.

MORALIDADE.

« ESTE Caõ significa o cobiçoso,
» que muitas vezes, por haver maio-
» res interesses, arrisca o seu, e per-
» de tudo; por onde diz bem o pro-
» verbio: Mas vale paxaro em mano,
» que buitre bolando. »

FABULA X.

A MOSCA SOBRE A CARRETA.

SOBRE hum carro de mulas, carregado, pousou huma mosca, e achouse taõ altiva de ir a seu gosto alta, que começou a fallar soberba contra a mula, dizendo que andasse depressa, senaõ que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a mula o rosto dizendo: Calla-te, parvoa sem vergonha, que naõ temo, nem me pódes fazer nada; o medo que me causa he do carreteiro, que leva na maõ o açoite, que tu só com importunações pódes cançar-me, sem me fazer outro mal.

MORALIDADE.

« MOSTRA esta Fabula a natureza » de alguns, que naõ tem mais que » lingua, e com ella porfiando, e con-

contradizendo, cançaõ, e importunaõ a todos, querendo-se mostrar de muito negocio, e importancia, e que valem, e pódem, e sustentaõ o pezo da República. „

FABULA XI.

O Caõ, e a Imagem.

BUSCANDO de comer o Caõ, acertou de achar huma Imagem de homem muito primorosa, e bem feita de papellaõ com cores vivas: Chegou o Caõ a cheirar por vêr se era homem, que dormia. Depois deo-lhe com o focinho, e vio que se rebolava, e como naõ quizesse estar queda, nem tomar assento, disse o Caõ: Por certo que a cabeça he linda, senaõ que naõ tem miolo.

MO-

MORALIDADE.

« Imagem pintada he o homem,
» ou mulher, que só dos attavios de
» seu corpo trata, e naõ procura or-
» nar a alma, que he muito mais
» preciosa. Notaõ-se nesta Fabula as
» pessoas, cujo cuidado todo se em-
» prega em enfeites, e côres super-
» fluas, de fóra formosas, mas na ca-
» beça falta miolo, e no processo da
» vida socego, e quietaçaõ.»

FABULA XII.

O LEAÕ, VACCA, CABRA, E OVELHA.

FIZERAÕ parceria hum Leaõ, e huma Vacca, Cabra, e Ovelha, para que caçassem de maõ commum, e partissem o ganho. Correndo sobre este concerto, achárão hum Veado, e depois de terem andado, e trabalhado muito, o matáraõ. Chegáraõ todos

cançados, e cobiçosos da preza, e fizeraõ-o em quatro partes iguaes. O Leaõ tomou huma, e disse: Esta he minha confórme ao concerto; est'outra me pertence por ser mais valente de todos; tambem tomarei a terceira, porque sou Rei de todos os animaes, e quem na quarta bollir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se acháraõ enganados, e com aggravo; mas soffrêraõ por serem desiguaes na força ao Leaõ.

MORALIDADE.

« PARCERIA, e amizade, quer-se
» entre iguaes, e o casamento tam-
» bem; confórme ao Philosopho, que
» o mandou aprender aos meninos,
» que diziaõ brincando: Cada hum
» com seu igual; porque quem trava
» amizade com maior, faz-se escravo
» seu, e lhe ha de obedecer, ou per-
» der pelo menos a amizade, na qual
» o trabalho sempre he do mais fraco,
» a honra, e proveito do mais podero-
» so. »

FA-

FABULA XIII.

O Casamento do Sol.

DIZEM que em certo tempo desejou o Sol de se casar, e todas as gentes, aggravadas disso, se foraõ queixar a Jupiter, dizendo: Que no Estio trabalhosamente soffriaõ hum Sol, que com seus raios os abrasava, donde inferiaõ, e provavaõ, que se o Sol casasse, e viesse a ter filhos; queimaria o mundo todo; porque hum Sol faria Veraõ calmoso na India, outro em Grecia, outro na Noruega, e terras Septentrionaes: pelo que sendo todas as tres Zonas torridas, naõ teriaõ as gentes, onde viver. Visto isto por Jupiter, mandou que naõ casasse.

MORALIDADE.

« Todos os homens tem obriga-
» çaõ de estorvar que se multiplique
» o número dos máos , e desalma-
» dos , e dos que desafforadamente
» fazem aggravos a seu proximo , co-
» mo nesta Fabula se finge que era
» o Sol , e devem pedir a Deos que
» os emende , ou os tire do mundo ,
» e dar favor á justiça , para que
» possa castigallos. »

FABULA XIV.

o Homem , e a Doninha.

HUM homem , que caçava Ratos , prendeo na armadilha huma Doninha. Ella vendo-se em seu poder , lhe disse que a soltasse , e allegou razões , dizendo que ella nenhum mal lhe fazia , antes lhe alimpava a casa de ratos , e bichos , e sempre por

lhe

lhe fazer bem, os andava matando. Respondeo o homem: Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento; mas como o fazes pelo comer, naõ te devo nada, antes te quero matar, que se elles te faltarem, comer-me-has o meu, peior do que o fazem os mesmos ratos.

MORALIDADE.

« Do que os homens fazem por
» seu respeito nenhum agradecimento
» se lhes deve; que a boa obra ha
» de ser voluntaria, e naõ acaso,
» para que obrigue a quem a rece-
» be. Esta Doninha he como muitos
» homens, que até as más obras,
» que fazem, querem vender com
» boas palavras, e que se lhes fiquem
» devendo. Porém a intençaõ dá á
» obra os quilates: quem me deo
» huma lançada por me matar, e
» me abrio o apostema, que me ma-
» tava, naõ foi amigo, posto que
» me causou saude. Porém devo-a só

» a

„ a Deos, que por maõ do inimigo
„ ma quiz dar. „

FABULA XV.

A BOGIA, E A RAPOZA.

ROGAVA a Bogia á Rapoza que cortasse a metade do seu rabo, e lho désse, dizendo: Bem vês que o teu rabo arroja, e varre a terra; e he defeito por demasiado; o que delle sobeja me pódes prestar a mim, e cobrir-me estas partes, que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, disse a Rapoza; e varra o chaõ, e me seja pesado, que aproveitares-te tu delle. Por isso naõ to darei, nem quero que cousa minha te preste. E assim ficou sem elle a Bogia.

MO-

MORALIDADE.

« SEMELHANTES saõ a esta Rapo-
» za todos os invejosos, que deixa-
» ráõ de escarrar, se souberem que
» presta o seu cuspinho, e todos os
» avarentos, que do muito, que
» em sua casa sobeja, naõ querem
» partir com o pobre, que lhes mos-
» tra sua necessidade, como aqui a
» Bogia mostra á Rapoza. »

FABULA XVI.

JUNO, E O PAVAÕ.

VEIO o Pavaõ a Juno muito queixoso, dizendo, por que razaõ o Rouxinol havia de cantar melhor que elle, e ter-lhe outras muitas vantagens? Disse Juno que naõ se agastasse; que por isso tinha elle as pennas formosas, cheias de olhos, que pareciaõ estrellas. Isso he vento, replicou o Pavaõ, mais

mais tomára saber cantar. Juno respondeo: Naõ pódes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Aguia força, o Gaviaõ ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

MORALIDADE.

« PROVA-SE nesta Fabula o que
» fica dito no principio da vida de
» Esopo; que nenhum ha desampa-
» rado da natureza, e sem graça par-
» ticular; que Deos, Author da mes-
» ma natureza, creou os homens, e
» repartio por elles seus dotes. Huns
» faz valentes, e outros ligeiros;
» hum he bom pintor, outro musi-
» co déstro, outro tem seu dote no
» entendimento. Ensina logo esta Fa-
» bula que ninguem se ensoberbeça
» da graça particular de que he do-
» tado, nem tenha invéja das boas
» obras dos proximos, antes com
» tudo, e por tudo dê louvores a
» seu Deos, e Creador.

FA-

FABULA XVII.

O LOBO, E O GROU.

COMENDO o Lobo carne, atravessou-se-lhe hum osso na garganta, que o affogava. Estando nesta affronta, pedio ao Grou que lhe valesse nella, e com seu pescoço comprido lhe tirasse do papo o osso. Fêllo o Grou, tirou-lhe o osso, e estando livre o Lobo, pedio-lhe alguma parte do muito, que antes se offerecia a lhe dar. Porém o Lobo lhe respondeo. Oh ingrato! Naõ me agradeces que te tivesse mettida a cabeça dentro na minha bocca, e que podéra apertar os dentes, e matar-te. Naõ me peças paga; que obrigado me ficas, e assaz és de ingrato em naõ reconheceres taõ grande beneficio. Callou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizéra, dizendo: Nunca mais por gente ruim metterei a ca-

cabeça, e vida em semelhante perigo.

MORALIDADE.

« Diz Mimo Publicano que beneficios feitos a gente perdida, saõ perdidos, e pódem contar-se por maleficios, e eu assim o entendo, quando puramente naõ se fazem por amor de Deos, que todos os bens tem cuidado de pagar. Homem desagradecido, quanto fazeis por elle tudo perdeis: e ás vezes com palavras vos carrega, mostrando que vós sois o devedor, como este nosso Lobo fazia.

FA-

FABULA XVIII.

AS DUAS CADELLAS.

TOMANDO a huma cadella as dôres de parir, e naõ tendo lugar donde parisse, rogou a outra que lhe désse a sua cama, e pousada, que era em hum palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fêllo a outra com dó della, e depois de haver parido, lhe disse que se fosse embora: porém a boa hospeda mostrou-lhe os dentes, e naõ a quiz deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que naõ a lançariaõ dalli, senaõ fosse por guerra, e ás dentadas.

MORALIDADE.

« Mostra esta Fabula ser verda-
» deiro o adagio, que diz: Queres
» inimigo? Dá o teu, e pede-o. Por-
» que,

„ que, sem dúvida, ha muitos ho-
„ mens como esta cadella parida, que
„ pedem humildemente, mostrando
„ sua necessidade, e depois de te-
„ rem o alheio em seu poder, re-
„ ganhaõ os dentes a quem lhe pe-
„ de, e se saõ poderosos ficaõ com
„ elle. „

FABULA XIX.

O Homem, e a Cobra.

NA força do chuvoso, e frio inverno andava huma Cobra fraca, e encolhida, e hum homem de piedade a recolheo, agazalhou, e alimentou, em quanto houve frio. Chegado o veraõ, começou a Cobra a estender-se, e desenroscar-se, pelo que elle a quiz lançar fóra; mas ella levantou o pescoço para o morder. O que vendo o homem, tomou hum páo, assanhou-se a Cobra, e começáraõ ambos a pelei-

leijar. De que resultou ficar ella mórta, e elle bem mordido.

MORALIDADE.

« Diz bem o proverbio : Por la
» mano lleva el hombre a su casa
» con que llore. Assim aconteceo a
» este homem com a Cobra ; e acon-
» tece a muitos, que no inverno dos
» trabalhos, e perseguiçóes, querem
» ser bons a seus proximos ; mas el-
» les, de ruins, chegando o Veraõ
» das bonanças, nem o dado agrade-
» cem, nem o emprestapo tornaõ.
» Assim he certo agazalhardes ás ve-
» zes pobre em casa, que ou vos rou-
» ba, e foge, ou, se o despediz, vos
» molesta, e injuría. »

FA-

FABULA XX.

O ASNO, E O LEAÕ.

O ASNO simples, e torpe, encontrou com o Leaõ em hum caminho, e de altivo, e presumpçoso, se atreveo a lhe fallar, dizendo: Vades embora companheiro. Parou o Leaõ vendo este desatino, e ousadia; mas tornou logo a proseguir seu caminho, dizendo: Leve cousa me fora matar, e desfazer agora este; porém naõ quero çujar meus dentes, nem as fórtes unhas em carne taõ bestial, e fraca. Assim passou, sem fazer caso delle.

MORALIDADE.

« HOMENS forçados, e nobres,
» soffrem cousas a outros baixos, que
» naõ soffreriaõ a seus iguaes; porque
» tem por affronta çujar as mãos em
» gen-

„ gente baixa. Pelo contrario ha mui-
„ tos nescios, como este asno, que
„ favorecidos, e contentes de si, do
„ bom vestido, e bom comer, sem
„ mais partes querem logo roçar as
„ conteiras com os fidalgos maiores
„ da terra, como fazia este com o
„ Leaõ Rei dos outros animaes."

FABULA XXI.

O RATO CIDADAÕ, E MONTEZINHO.

HUM Rato, que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o á sua cova, ahi comêraõ ambos cousas do campo, hervas, e raizes. Disse o Cidadaõ ao outro: Por certo, compadre, tenho dó de ti; e da pobreza em que vives. Vem commigo morar na Cidade, verás a riqueza, e a fartura que gozas. Acceitou o rustico, e vieraõ ambos a hu-

ma

ma casa grande, e rica, e entrados na despensa, estavaõ comendo boas comidas, e muitas, quando de subito entra o despenseiro, e dous gatos apoz elle. Sahem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fóra trepou pela parede, dizendo: Ficai-vos embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raizes no campo sem sobresaltos, onde naõ ha gato, nem ratoeira. E assim diz o adagio: Mais val magro no matto, que gordo na bocca do gato.

MORALIDADE.

« Quanto o estado pobre seja
» mais quieto, e seguro, mostra-se
» bem nesta Fabula; e quaõ arriscados
» vivem os que trabalhaõ por subir
» a mais riquezas, ou a mais alto
» foro, do que tem. Que, confórme
» ao dito do Santo, os que andaõ por
» enriquecer, esses cahem na ratoeira. »

FA-

FABULA XXII.

A AGUIA, E A RAPOSA.

TINHA a Aguia filhos, e para os cevar levou nas unhas dous rapozinhos tomados de huma lousa. A mãi, que o soube, lhe foi rogar que lhe désse seus filhos; mas a Aguia lá do alto zombou dos rógos, e disse que naõ deixaria de lhos comer. A raposa magoada começou logo a cercar a arvore, onde a Aguia tinha seu ninho, de muitas palhas, tojos, páos seccos, e accendeo-as de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez huma fogueira muito grande. Vio-se a Aguia attribulada do fumo, e levaréda, e com o receio que ardesse a arvore toda, lançou-lhe os filhos sem lhes tocar, e quasi ficou chamoscada pela indústria da Raposa.

MORALIDADE.

« Posto que algum presuma ser
» Aguia na força, e ter estado avan-
» tajado dos outros, nem por isso
» affronte, nem aggrave o fraco, e
» pequeno, que naõ possa vingar-se
» do maior. E Deos ajuda os humil-
» des, e resiste aos soberbos; e quiz
» que o Leaõ temesse ao Gallo, e
» o Rato podesse inquietar o Ele-
» fante. »

FABULA XXIII.

O Gallo, e a Rapoza.

Fogindo as Gallinhas com seu Gallo de huma Rapoza, sobíraõ-se em hum pinheiro, e como a Rapoza alli naõ podesse fazer-lhes mal, quiz usar de cautela, e disse ao Gallo: Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou-se de as-

sen-

sentar paz universal entre todas as aves, e animaes: por tanto vinde, festejaremos este dia. Entendeo o Gallo a mentira; mas com dissimulaçaõ respondeo: Estas novas por certo saõ boas, e alegres, mas vejo acolá assomar tres cãs; deixemollos chegar, todos juntos festejaremos. Porém a Rapoza, sem mais esperar, acolheo-se dizendo: Temo que o naõ saibaõ ainda, e me matem. Assim se foi, e ficáraõ as Gallinhas seguras.

MORALIDADE.

« HUM cravo tira outro cravo.
» Por este Gallo póde entender-se o
» homem sisudo, que quando outro
» com palavras o quer enganar, dis-
» simula, fingindo que naõ o enten-
» de, e com palavras brandas se
» defende. Que se o falso encontra
» homem avisado, quasi sempre ca-
» he nos laços que armou. »

FABULA XXIV.

O BEZERRO, E O LAVRADOR.

TINHA hum Lavrador hum Bezerro fórte, e mimoso, e pôllo no jugo com outro boi manso: mas como o Bezerro o naõ quizesse tomar, nem soffrer, com pancadas, e pedradas trabalhava o Lavrador pelo amansar. E disse ao boi manso: Naõ te tomo com este, para que lavres, que ainda naõ he para isso, senaõ para o amansar de pequeno, porque depois que for touro madrigado naõ haverá quem o amanse.

MORALIDADE.

« ENSINA-NOS esta Fabula quan-
» to seja necessario dobrar, e refrear
» os filhos de pequenos, costumal-
» los á virtude, tirando-os de ocio-
» sidades, que sempre parem affron-
» tas

" tas na velhice ; porque dout
" christã he , que quem tira
" mossos o castigo , se lhes (
" bem , lhes faz mal. Donde se
" va que quem lhes tem amor ,
" ve de os domar , e castigar
" pequenos. Tambem pelo boi n
" so se vê que o homem quieto
" pacifico sempre he mais queri
" e estimado daquelles , que tr
" com elle."

FABULA XXV.

O Lobo , e o Caõ.

ENCONTRANDO-SE hum
bo , e hum Caõ , em hum camir
disse o Lobo : Invéja tenho , (
panheiro , de te vêr taõ gordo ,
o pescoço grosso , e cabello luz
eu sempre ando magro , e arripi
Respondeo o Caõ : Se tu fizer
que eu faço , tambem engord

Estou em huma casa, onde me querem muito, daõ-me de comer, trataõ-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem commigo, terás outro tanto? Acceitou o Lobo, e começáraõ a ir. Mas no caminho disse o Lobo: De que he isso, companheiro, que te vejo o pescoço esfolado? Respondeo o Caõ: Porque naõ morda de dia aos que entraõ em casa, estou preso com huma cadêa, e de noite me soltaõ até pela manhã, que tornaõ a prender-me. Naõ quero tua fartura, respondeo o Lobo: A troco de naõ ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

MORALIDADE.

« Naõ ha prata, nem ouro, por
» que deva vender-se a liberdade, e
» quem a estima no que ella mere-
» ce, faz o que fez este Lobo, que
» escolhe antes trabalhos, e fome,
» que

„ que perdella : mas comedores ne-
„ gligentes , e apoucados , naõ es-
„ timaõ ser livres , com tanto que
„ comaõ o paõ ociosos , e os taes
„ saõ significados nesta Fabula pelo
„ Caõ. „

FABULA XXVI.

OS MEMBROS , E O CORPO.

AS mãos , e os pés , se queixavaõ dos outros membros , dizendo que elles toda a vida trabalhavaõ , e traziaõ o corpo ás cóstas , e tudo redundava em proveito do estomago , que comia sem trabalho ; por tanto que se determinasse a buscar sua vida , que elles naõ haviaõ de dar-lhe de comer. Por muito que o estomago lhes rogou , naõ quizeraõ tomar outra determinaçaõ , e assim começáraõ a negar-lhe a comida : e elle enfraqueceo. Mas como juntamente enfraque-

quecessem tambem os pés, e mãos, tornavaõ depressa a querer alimentallo; mas como já a fraqueza fosse muita, nada lhes valeo, e morrêraõ todos juntamente.

MORALIDADE.

« Todos somos membros em huma República, e todos necessarios huns aos outros. Soldados, e trabalhadores saõ mãos, e pés, o Rei cabeça, os ricos estomago. Se disser o lavrador que naõ quer trabalhar, para que o outro coma, elle ha de ser o primeiro que ha de padecer fome. Se os soldados naõ defenderem a pátria, o Rei naõ a governar, os ricos naõ distribuirem o que ajuntáraõ de antes; e cada membro se apartar, morreráõ todos, e morrerá o corpo mistico da República »

FABULA XXVII.

A Aguia, e a Corexa.

A AGUIA tomou nas unhas hum Kagado para cevar-se, e trazendo-o pelo ar, e dando-lhe picadas, naõ podia matallo, porque estava mui recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isto a Aguia, sem lhe prestar, quando chega a Corexa, e diz: A caça, que tomastes, he em extremo boa, mas naõ podereis gozar della, senaõ por manha. Disse a Aguia que lhe ensinasse a manha, e partiria com ella da caça. A Corexa o fez, dizendo: Subi-vos sobre as nuvens, e de lá deixai cahir o Kagado sobre alguma lagem, quebrará a concha, e ficar-nos-ha a carne descoberta. A Aguia o fez; e succedendo como queriaõ, comêraõ ambas da caça.

FA-

MORALIDADE.

« Na guerra, e em todo nego-
» cio, tanto val a indústria, e mais
» que a força; que negocios mui ar-
» duos se acabaõ por manha, e a for-
» ça sem ella val pouco, ou nada.
» Isto quizeraõ mostrar os poetas na
» companhia, e amizade do sabio
» Ulysses com o valente Diomedes;
» porque valentia sem manha, pou-
» cas, ou nenhuma vez dá fructo
» proveitoso a seu dono, e hum con-
» selho bom acaba mais, que muitos
» máos. »

FABULA XXVIII.

A Raposa, e o Corvo.

O CORVO apanhou hum queijo, e com elle fugindo, se pousou sobre huma arvore. Vio-o a Raposa, e desejou de lhe comer o seu queijo: e pon-

pondo-se ao pé da arvore, começou a dizer ao Corvo: Por certo que és formoso, e gentil homem, e poucos passaros ha, que te ganhem. Tu és bem disposto, e mui galante; se acertáras de saber cantar, nenhuma ave se comparará comtigo. Soberbo o Corvo destes gabos, e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescoço para cantar; porém abrindo a bocca, cahio-lhe o queijo. A Raposa o tomou, e foi-se, ficando o Corvo faminto, e corrido de sua propria ignorancia.

MORALIDADE.

« Os QUE se desvanecem com pa-
» lavras lisongeiras, como eraõ as
» desta Raposa, naõ he muito faze-
» rem maiores desatinos do que o
» Corvo fez. Quem, sem ter partes,
» vê louvar-se, entenda que naõ saõ
» louvores, senaõ laços, que lhe ar-
» maõ para o enganarem; porque pa-
» lavras brandas sempre saõ suspei-
» tosas, e quanto melhor se acceitaõ,

» tan-

„ tanto ficaõ prejudicando mais. Saõ
„ cevadouro, que faz o caçador para
„ nos tomar nelle; e por meio desse
„ engodo vem a alcançar de nós o que
„ desejava."

FABULA XXIX.

O LEAÕ, E OS OUTROS ANIMAES.

ESTAVA hum Leaõ doente, e fraco de velho, e vindo hum Porco montez, que lhe lembrou ser maltratado delle n'outro tempo, deo-lhe huma fórte trombada, e passou. Veio hum Touro, e escornou-o, e outros muitos animaes por se vingarem o maltratavaõ. Por derradeiro veio hum asno, e deo-lhe dous couces, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leaõ, dizendo: Tempo sei eu que todos estes só de meu bramido tremiaõ, e nenhum havia taõ fórte, que naõ fugisse de se encontrar comigo, ago-

agora que me vêm fraco, todos querem vingar-se, e naõ ha quem naõ se me atreva.

MORALIDADE.

« Os QUE estaõ introduzidos em
» cargos, e officios grandes, naõ ag-
» gravem outros, e recêem o que a
» este Leaõ succedeo; porque quan-
» do seu poder enfraquecer, e deixa-
» rem o officio, tambem qualquer po-
» bre poderá vingar-se delles, e met-
» tellos em affronta, ou por obra, ou
» por palavra.

FABULA XXX.

AS RANS, E JUPITER.

AS Rãs n'outro tempo pedíraõ a Jupiter lhes désse Rei, como tinhaõ outros muitos animaes. Rio-se Jupiter da ignorante petiçaõ, e deferindo a el-

ella, lançou hum madeiro no meio da lagôa. Começáraõ as Rãs a ter-lhe respeito; porém des que entendêraõ que naõ era cousa viva, de novo tornáraõ a Jupiter pedindo Rei. Agastado Jupiter da importunaçaõ, deo-lhes a Cegonha, que começou a comêllas huma a huma. Vendo ellas esta crueldade, foraõ-se com queixas, e pedir remedio a Jupiter, mas elle as lançou de si dizendo: Andai para loucas: já que vos naõ contentastes do primeiro Rei, soffrei esse, que tanto me pedistes.

MORALIDADE.

« Gente, e Povo amigo de novi-
» dades he como as Rãs; cada dia
» querem mudar de senhor, e de-
» sejaõ alterações, e mudanças. Mas
» bem se vê nesta Fabula, que casti-
» ga Deos muitas vezes os máos, só
» com lhes conceder o que pedem; e
» os que murmuraõ do bom Governa-
» dor, ou Prelado, ás vezes cahem

» em

„ em poder de tyrannos, que os co-
„ mem, e destroem, como a Cego-
„ nha aqui fazia.

FABULA XXXI.

AS POMBAS, E O FALCAÕ.

VENDO-SE as Pombas perseguidas do Milhano, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderiaõ livrar-se, quizeraõ valer-se do Falcaõ. Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratallas muito peior, matando-as, e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remedio, diziaõ: Com razaõ padecemos, pois naõ nos contentando do que tinhamos, soubemos taõ mal escolher cousa, que tanto nos importava.

MORALIDADE.

« Direitamente parece que falla
» esta Fabula, com os Principes
» Christãos, que tendo competencias
» entre si, muitas vezes chamáraõ
» em seu favor Mouros, ou Tur-
» cos, do que depois se arrependê-
» raõ, como estas Pombas, e ficá-
» raõ na sujeiçaõ, que hoje Grecia
» padece, e outras muitas Provin-
» cias, em castigo de seus odios, in-
» vejas, scismas, abominações, e ou-
» tros peccados, causas de discordias,
» e por conseguinte de total destrui-
» çaõ. »

FA-

FABULA XXXII.

O PARTO DA TERRA.

EM certo tempo começou a Terra a dar urros, e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada, e chêa de temor, e receosa que nascesse algum monstro, proporcionado com a Mái, que podesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pario a Terra hum Morganho, e ficou sendo riso o que antes era medo.

MORALIDADE.

" ESTA Fabula explica Horacio dos
" que promettem de si cousas gran-
" des, e depois naõ fazem cousa al-
" guma, como saõ certos fanfarrões,
" que se jactaõ de valentes, e a poder
" de juramentos o querem parecer.

„ Outros, que gabaõ suas letras, e Li-
„ vros, que haõ de compôr, mas quan-
„ do vem a joeirar-se a valentia de
„ huns, e a sciencia dos outros, tudo
„ he joio: pelo que com razaõ fica
„ quem os conhece rindo, e escarne-
„ cendo delles, como na Fabula se
« diz que os homens faziaõ do parto
„ da terra. „

FABULA XXXIII.

O GALGO VELHO, E SEU AMO.

A HUM Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi huma lebre d'entre os dentes, porque já os naõ tinha. O amo por isso o açoutou cruélmente, e lançou de si, como cousa que nada valia. Disse o Galgo: Deves, senhor, lembrar-te como te servi bem em quanto era moço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas: agora que sou velho, e es-

tou

tou posto no osso, por huma, que me fugio, me açoutas, e lanças fóra, devendo perdoar-me, e pagarme bem o muito, que te tenho servido.

MORALIDADE.

« Deste Galgo tome lição quem » serve a senhor ingrato, e verá o » pago, que ha de ter, principal- » mente se o serve em cousas contra » sua consciencia; porque depois que » estiver bem mettido no Inferno, » pela primeira vontade, que deixar » de lhe fazer, perde quanto tem » servido, e muitas vezes o mesmo » senhor, por cujo respeito elle per- » deo a Deos, e o mundo, o accu- » sa, e he seu algoz, e o faz cas- » tigar dos peccados, que lhe fez » fazer. »

FABULA XXXIV.

As Lebres, e Rans.

VENDO-SE as Lebres corridas dos galgos, e espantadas de todos os animaes, assentáraõ, por naõ passar sobresalto, de se matarem affogadas em hum rio; e querendo dallo á execuçaõ, como corressem com impeto para se arremessarem na agua, chegando á borda della viraõ grande número de Rãs saltarem com medo no ribeiro. Reportáraõ-se as Lebres hum pouco, e mudando o conselho, disseraõ: Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós, e de todos os que no-lo causa, soffshould nós a vida, que já ha outros mais acossados, e medrosos.

MORALIDADE.

« Bem se vê ser verdade o que
» diz Marcial, que ninguem he mi-
» seravel, se for comparado; e a
» mais certa consolaçaõ, ainda que
» cruel, que ha nos males, he vêr
» outros, que os padecem maiores.
» Por esta causa perguntando-se a
» hum Philosopho, de que modo se
» sofreriaõ bem tribulações? Respon-
» deo: Que vendo nosso inimigo
» em outras maiores. »

FABULA XXXV.

O Lobo, e o Cabrito.

Huma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa, e mandou-lhe que naõ abrisse ao Usso, nem Lobo, que alli viesse, porque morreria. Ida ella, veio hum Lobo, e fingindo a voz de Cabra, come-

çou a affagar o Cabrito, dizendo que lhe abrisse, que era sua Mãi. Ouvindo isto o Cabrito, chegou á pórta, e por huma fenda olhou, e vio o Lobo, e sem outra resposta virou as cóstas, e recolheo-se em casa. O Lobo foi-se, e elle ficou salvo.

MORALIDADE.

« Filhos obedientes a seus Pais
» tudo lhes succede bem. Esta Fabu-
» la nos avisa que guardemos sem-
» pre esta obediencia, e tambem que
» naõ nos fiemos em palavras bran-
» das; porque quem á pura força
» naõ se attreve a dar-nos, quanto
» mais peçonha traz no coraçaõ, tan-
» to mais mel mostra a lingua: que
» a peçonha naõ se dá, senaõ nos man-
» jares mais saborosos, como o Clau-
» dio nas Cilarcas. »

FA-

FABULA XXXVI.

O CERVO, O LOBO, E A OVELHA.

DEMANDAVA o Cervo á Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha podera negar-lho, mais receou, porque estava hum Lobo de companhia com o Veado, e assim com dissimulaçaõ lhe disse: Rogo-te, por tua vida, que esperes alguns dias, e entaõ averigoaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o cervo. Porém tanto que ambos se encontráraõ sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lho havia de pagar.

MORALIDADE.

« CONTEM esta Fabula hum avi-
» so proveitoso, que póde servir-
» nos

„ nos quando alguem porfia contra
„ nós em presença de nossos inimi-
„ gos : que entaõ he prudencia di-
„ latar a vida , até nos vêrmos em
„ tempo que possamos livremente de-
„ fender nossa opiniaõ , como fez
„ aqui a Ovelha , sem temor de Lo-
„ bos inimigos roazes. „

FABULA XXXVII.

A Cegonha, e a Rapoza.

SENDO amigas a Cegonha com a Rapoza, a Rapoza a convidou hum dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a Rapoza ardilosa huma comida liquida, manjar como papas, e a estendeo por huma louza, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ella picava na louza, quebrava o bico, e nada tomava nelle, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Rapoza outra vez;

e

e lançou o manjar em huma almotolia, donde comia com o bico, e pescoço comprido. E a Raposa naõ podendo metter o focinho, se tornou para sua casa corrida, e muito morta de fome.

MORALIDADE.

« He gosto enganar ao enganador, e zombar de quem quer zombar de nós, e obrigaçaõ dos que zombaõ, e escarnecem, soffrerem bem zombarias leves, e tomarem-nas em graça.

FABULA XXXVIII.

A Gralha, e os Pavões.

FEZ-SE a Gralha bizarra, e louca vestindo-se de pennas de Pavões, que pedio emprestadas, e despresando as outras Gralhas, andava com os

os Pavões de mistura. Porém elles lhe pedíraõ as suas pennas, e começando a depennalla, todos lhe levavaõ pennas, e carne no biço. Depois querendo chegar-se ás outras, ainda que com temor, e vergonha, diziaõ-lhe ellas: Quanto te valêra mais contentar-te com o que té deo a natureza, que querer mudar de estado; para vires a este em que estás, pellada, ferida, e vergonhosa.

MORALIDADE.

« Quem faz casa, e toma fausto com rendas alheias, ou fazenda emprestada, tem o successo desta Gralha. Chega-se o tempo da paga, vem os acredores, tomaõ-lhe as alfaias com que se honrava, e senaõ bastaõ, daõ com elle na cadea, donde sahe pellado, e vergonhoso. »

FABULA XXXIX.

A FORMIGA, E A MOSCA.

ENTRE a Mosca, e Formiga, houve grande alteraçaõ sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, cômo viandas preciosas, e assento-me á meza com o Rei, e dou beijo nas mais formosas damas. Tu malaventurada, sempre andas trabalhando. Respondeo a Formiga: Tu és douda ociosa. Se pousas huma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes çujidades, e immundicias, aborrecidas de todos: se te pões no rosto da dama, ou á meza com o Rei, naõ he por sua vontade, senaõ porque tu és enfadonha, e importuna.

FA-

MORALIDADE.

« Desta Fabula aprendamos o pou-
» co, que valem homens ociosos, e
» importunos como moscas, que se ga-
» baõ diffamando mulheres, e pessoas
» honradas; e contaõ feitos, que
» nunca lhes acontecêraõ, desprezan-
» do os que, como formigas, vivem
» de sua indústria, mas quando vem
» a occasiaõ naõ fazem nada, e fi-
» caõ affrontados, e tidos por cobar-
» des.

FABULA XL.

A Ran, e o Touro.

Andava hum grande Touro passeando no longo da agua, e vendo-o a Rã taõ grande, tocada da invéja, começou de comer, e inchar-se com vento, e perguntava ás outras se era já taõ grande. Respondem ellas que

naõ;

naõ : Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou taõ rijamente, que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.

MORALIDADE.

« Marcial em hum Epygramma
» contra Otalicio, moralisa esta Fa-
» bula, entendendo pela Rã o ambi-
» cioso, que desejando igualar-se com
» o rico no trato, e despeza, gasta
» o que tem, e o que naõ tem; e
» chega a consumir-se, até que re-
» benta em muitas dividas, que daõ
» com elle no Hospital. Fiquem lo-
» go avisados aquelles, que saõ Rãs
» na posse, naõ queiraõ despender
» como Touros, porque naõ reben-
» tem como esta, de que tratou esta
» Fabula. »

e alcançáraõ victoria. E tomando o Morcego, em castigo da trahiçaõ, lhe mandáraõ que andasse sempre pellado, e ás escuras.

MORALIDADE.

« Esta Fabula falla com os sol-
» dados, que naõ desamparem seus
» Capitães; com os amigos, que
» naõ deixem a amizade em tempo
» de trabalhar; que os que assim
» o fazem igualmente saõ tidos pou-
» co de amigos, e muito de inimi-
» gos, infamaõ-se de trahidores, e
» ninguem mais se fia delles.

FA-

FABULA XLIII.

O Cavallo, e o Asno.

Indo o Cavallo com jaezes ricos de seda, e ouro de muito preço, encontrou no caminho hum Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba: Animal descomedido, porque naõ me dás lugar, e te desvias para que eu passe? Callou, e soffreo o pobre Asno. Mas dahi a poucos dias emmanqueceo o Cavallo, e pozeraõ-no de albarda para servir. Acertou o Asno de o achar carregado de esterco, e disse-lhe: Que vai, irmaõ? Onde está vossa soberba? Porque naõ mandais agora que me arrede, como fazieis em outro tempo?

MORALIDADE.

« Ninguem desprese os peque-
» nos, e pobres, por se vêr farto,

„ e vestido , ou com honra , e of-
„ ficios ; porque se mudaõ as ven-
„ turas , e estados , e a soberba pas-
„ sada naõ serve mais que de vergo-
„ nha , e injúria presente. „

FABULA XLIV.

O Falcaõ , e o Rouxinol.

O FALCAÕ huma manhã se apossou do ninho , onde o Rouxinól tinha seus filhos , e quiz matallos. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que naõ os matasse , e que o serviria. Disse o Falcaõ que era contente , se cantasse de modo que o satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido , e suave. Porém o Falcaõ mostrando-se descontente da musica , começou a comellos. Chega nisto por de traz hum caçador , e lança ao Falcaõ hum laço , em que o prendeo , e o le-
vou

vou a rasto, e o Rouxinol ficou livre.

MORALIDADE.

« Por este Falcaõ se significaõ os
» tyrannos, e desalmados, que por
» nenhumas razões, ainda que mui
» justificadas, desistem de aggravar
» aos que pódem pouco : mas neste
» entremeio chega a Justiça Divina,
» que os caça no laço da mórte, e
» os lança no inferno, e muitas ve-
» zes para consolaçaõ dos bons os
» afflige nesta vida visivelmente com
» pena temporal. »

FABULA XLV.

AS ARVORES, E O MACHADO.

HUM machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem elle naõ podia cortar. Disseraõ as Arvores ao Zambugeiro que lhe désse o cabo. E como o machado esteve encavado, hum homem com elle começou a fazer madeira, e destruir o arvoredo. Disse entaõ o Sobreiro ao Freixo: Nós temos a culpa, que demos cabo ao machado para nosso mal; porque a naõ lho darmos seguras poderamos estar delle.

MORALIDADE.

« QUEM vir seu contrario inhabi-
» litado para fazer mal, naõ o ha-
» bilite, nem lhe dê armas, se o
» vir desarmado. Virtude he perdoar
» ao inimigo, mas parvuo he quem

» além

„ além de lhe perdoar, o favorece
„ tanto, que depois possa com pou-
„ ca ajuda matallo. „

FABULA XLVI.

O Asno, e o Mercador.

HUM tendeiro caminhando para a feira levava hum Asno carregado de mercadoria, que de mui fraco, andava de vagar. O Mercador cobiçoso com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que naõ podia bolir-se, que cahio no caminho com a carga, e morreo. Depois de morto o esfoláraõ, e da pelle lhe fizeraõ hum tambor, em que andavaõ de continuo tangendo, e batucando.

MO-

MORALIDADE.

« Os QUE sabem aproveitar-se dos
» trabalhos da vida, e se apparelhaõ
» para a mórte, descançaõ nella:
» porém os que como asnos morrem
» sem se lembrar que ha outra vi-
» da, depois de padecerem nesta
» suas desaventuras, saõ na outra es-
» carnecidos, e atormentados pelo
» demonio; pelo que com acerto saõ
» comparados nesta Fabula a jumen-
» tos, cuja pelle he na mórte, e
» na vida bem corrida. »

FABULA XLVII.

O RATO, E A DONINHA.

HUMA Doninha, como de ve-
lha, e cançada, naõ podesse já ca-
çar; usava esta manha: Enfarinha-
va-se toda, e punha-se muito que-
da a hum canto da casa. Vinhaõ al-
gum

guns Ratos, que cuidando ser outra cousa, chegavaõ por comer, e ella os comia. Por derradeiro veio hum Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse: Por mais artes que uses, naõ me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, naõ hei de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

MORALIDADE.

« NA Doninha se póde vêr que
» quem he criado em más manhas,
» nem por doença, nem por velhi-
» ce as perde. Quem se costuma á
» furtar, ou o baraço, ou a mórte
» lho ha de tirar: e quando já naõ
» pódem usar da força, com rebu-
» ços, manhas, e trahições usaõ seus
» máos officios, como gente que
» tem perdida a vergonha, e temor
» de Deos. »

FA-

FABULA XLVIII.

A Rapoza, e as Uvas.

Chegava a Rapoza a huma parreira, vio-a carregada de uvas maduras, e formosas, e cobiçou-as. Começou a fazer suas diligencias para subir; porém como estavaõ altas, e ingreme a subida, por muito que fez, naõ pode trepar; pelo que disse: Estaõ as uvas em agraço, e desbotar-me-haõ os dentes; naõ quero colhellas verdes; que tambem sou pouco amiga dellas. E dito isto, foise.

MORALIDADE.

« Parte he de homem avisado,
» as cousas, que naõ póde alcançar,
« mostrar que naõ as deseja; que
» quem encobre suas faltas, e des-
» gostos, naõ dá gosto a quem lhe

» quer

„ quer mal, nem desgosto a quem
„ lhe quer bem: e que seja isto ver-
„ dade em todas as cousas, tem mais
„ lugar nos casamentos, que dese-
„ jallos, sem os haver, he pouqui-
„ dade, e sizo mostrar o homem
„ que naõ lhe lembraõ, ainda que
„ muito os cobice.„

FABULA XLIX.

O Pastor, e o Lobo.

Fugia o Lobo de hum caçador, que vinha em seu seguimento, e diante de hum Pastor se escondeo em humas moutas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegado o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que era ido; mas com a cabeça lhe acenava para onde estava: naõ attentou o caçador nos acenos, e foi-se. Sahio o Lobo,

e

e disse-lhe o Pastor: Que vai amigo? Muito me deves, bom valedor tiveste em mim. Valeo-me a mim minha ventura, respondeo o Lobo, e naõ te entender o caçador: pelo que nada te devo; antes se bemdigo a tua lingua, amaldiçoo tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

MORALIDADE.

« NOTAÕ-SE nesta Fabula os que » do mal, que urdiràõ, ainda que » naõ teve effeito, querem tirar agra- » decimentos, e mostra-se quanto pe- » rigo seja quererem os homens em » seus trabalhos valer-se de seus ini- » migos; que quando saõ muito » fiéis, e primorosos, cuidaõ que » satisfazem com se mostrarem neu- » traes. »

FA-

FABULA L.

O ASNO, E A CACHORRINHA.

VENDO o Asno que seu amo brincava com huma Cachorrinha, e se alegrava com ella, e a tinha á meza, dando-he de comer, porque o affagava vindo de fóra, e saltava nelle, crêo que se outro tanto lhe fizesse, tambem seria estimado; e com essa inveja se vai ao Senhor em entrando de fóra, e pondo-lhe as mãos sobre os hombros, começou a querer lamber-lhe o rosto com a lingua. Espantado o amo, brada, e acodem os criados, e a poder de muitas pancadas tornáraõ a metter o asno em sua estrevaria.

MO-

MORALIDADE.

« Ninguem se metta a mostrar ha-
» bilidades, que a natureza lhe ne-
» gou. Cante o Musico, pratique o
» Letrado, o Soldado trate de ar-
» mas, o Piloto de sua Arte, e quem
» quer metter-se nas alheias, por
» ganhar terra, e contentar a ou-
» trem, ou sahirá como este asno es-
» pancado, ou o mandaráõ á estreva-
» ria. »

FABULA LI.

O Leaõ, e o Rato.

Estando o Leaõ dormindo, andavaõ huns Ratos brincando ao redor delle, e saltando-lhe por cima, o acordáraõ. Tomou elle hum entre as mãos, e estava para o matar; mas pelo ter em pouco, e pelos muitos rógos, com que lhe pedia, o soltou.

Suc-

Succedeo dahi a pouco tempo cahir o Leaõ em huma rede, onde ficou liado, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligencia pôz, que roêo brevemente os laços, e cordéis, e soltou o Leaõ, que se foi livre, em pago da bôa obra, que lhe fez.

MORALIDADE.

« DUAS cousas temos aqui que no-
» tar: primeiramente o agradecimen-
» to que se deve a qualquer boa obra,
» e em especial a quem perdoa algum
» aggravo, podendo vingar-se como
» este Leaõ podia. Segundariamente,
» quanto devem os poderosos estimar
» a amizade de qualquer homem, por
» mui fraco que seja; porque qual-
» quer póde fazer mal, e senaõ pó-
» dem fazer mal, todos pódem fazer
» bem.

FABULA LII.

O Milhano, e sua Mãi.

Estando o Milhano enfermo, e receando a mórte, que via já chegada, rogou de proposito a sua Mãi que fizesse, pór sua saude, romarias aos Santos. Respondeo ella: De boa vontade, filho, as fizera; mas temo que naõ te prestem; porque como gastastes a vida toda em males, e sempre com teu esterco çujastes os Templos dos Santos, receio que naõ me queiraõ ouvir, ainda que os rogue por tua saude.

MORALIDADE.

« Bem está de entender, que si-
» gnifica este Milhano os homens, que
» toda a vida saõ estragados, e guar-
» daõ o arrependimento para a hora
» da mórte. Tambem esta Fabula en-
» si-

„ sina quanto risco correm os que ag-
„ gravaõ aos Santos, e bons, e mui-
„ tas vezes, porque permitte a Justi-
„ ça Divina que ás vezes naõ sejaõ
„ ouvidos, quando se querem valer
„ delles.

FABULA LIII.

A Porca, e o Lobo.

ESTAVA huma Pórca com dôres de parir, e hum faminto Lobo se chegou a ella, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a vêr desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeo a Pórca que vinha elle por lhe comer os filhos; e dissimulando disse que naõ pariria em quanto elle alli estivesse; que era mui vergonhosa, e que se pejava delle, que era seu affilhado; por tanto que se fosse, e a deixasse parir, e que depois tornaria. Fêllo o Lobo assim,

mas

mas em se desviando dalli, a Pórca tambem se foi buscar hum lugar seguro, em que parir.

MORALIDADE.

« O que tem fama de Lobo, quan-
» do faz affagos se ha de fugir mais
» delle, porque os taes nunca fazem
» bem por virtude, senaõ por seu in-
» teresse. E destes, quem naõ póde
» livrar-se por força, deve apartar-se
» com dissimulações; que tanto esta-
» rá mais seguro de se queimar,
» quanto estiver mais longe de seu
» fogo.

FABULA LIV.

O VELHO, E A MOSCA.

REPOUSAVA á soalheira hum Velho calvo, com a cabeça descoberta, e huma Mosca naõ fazia, senaõ picarlhe na calva. Acodia logo o Velho com a maõ, e como ella fugisse mui depressa, dava em si mesmo grandes palmadas, de que a Mosca gostava, e se ria. Disse o Velho: Ride-vos embora de quantas vezes eu der em mim; que isso naõ me mata, mas se huma só vez vos acertar, ficareis môrta, e pagareis o novo, e o velho.

MORALIDADE.

« MANCEBOS ha, que em zombar,
» e escarnecer dos homens graves, e
» sisudos, saõ mais importunos que
» Moscas, até que o homem grave
» pelos castigar lhes descobre huma

,, falta sua, com que os deixa mórtos
,, de injuriados. Eu por esta Mosca,
,, entendo alguns mui zelosos, que
,, trabalhaõ por dar desgostos a senho-
,, res poderosos, ou fazem sobrance-
,, rias ás justiças, e escapaõ muitas
,, vezes; até que de alguma cahem
,, nas suas mãos, e os fustigaõ de
,, maneira, que ficaõ perdidos de to-
,, do.

FABULA LV.

O CORDEIRO, E O LOBO.

ANDAVA hum Cordeiro entre as cabras, e chegou o Lobo, dizendo-lhe: Naõ he este o teu rebanho, vem commigo, levar-te-hei à tua Mãi. Respondeo o Cordeiro: Naõ quero; porque esta Cabra me quer muito, e me faz máis mimo, que a seu proprio filho. Com tudo, replicou o Lobo, melhor estarás com tua Mãi.

Bem

Bem estou aqui, disse o Cordeiro, naõ quero provar ventura, que por bem que me succeda, naõ deixará o pastor de me tirar o véllo, e ficarei morrendo de frio.

MORALIDADE.

« Mostra-nos esta Fabula que a » companhia dos bons amigos he mais » segura, que quanto parentesco » tem o mundo; que o parente sem » amor, nem he amigo, nem paren- » te; e o amigo verdadeiro he pa- » rente, e amigo. Tambem o Cor- » deiro nos avisa que quem está bem, » naõ se bula por provar ventura; » que esta he para quem naõ a tem. » Quem está quieto, contente-se com » a sua sórte, e guarde-se de em- » peiorar. »

FABULA LVI.

O HOMEM POBRE, E A COBRA.

HUM Homem pobre costumava affagar, e dar de comer a huma Cobra, que em sua casa trazia, e em quanto assim o fez, tudo lhe hia por diante. Depois, por certa agastadura, fez-lhe huma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras, e humildade lhe pedio perdaõ. Respondeo a Cobra: Eu de boamente te perdoo, mas naõ te ha de isto prestar para deixares de ser pobre; que esta ferida sempre me ha de doer, e sempre ha de estar pedindo vingança de ti.

MORALIDADE.

« QUIZ Esopo mostrar nesta Fa-
» bula o que costumaõ dizer: A
» quem aggravares naõ lhe crêas,
» porque a memoria dos aggravos he
» eter-

„ eterna. Por tanto, quem injuriou
„ algum amigo seu, e depois se re-
„ conciliáraõ, entenda que por mui-
„ to amigos que pareça estarem, e
„ que no exterior mostre naõ lhe
„ lembrar nada, lá no mais secreto
„ do coraçaõ está guardada muitas ve-
„ zes a memoria da injúria. „

FABULA LVII.

O Bogio, o Lobo, e Rapoza.

QUERELOU o Lobo da Rapoza, dizendo que fizéra hum furto. Era juiz o Bogio. E a Rapoza negou fórtemente, disputando ambos diante do juiz, e cada hum descobrio quantas maldades sabia do outro. Depois do Bogio os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo que o Lobo naõ provára bem ser-lhe feito furto: mas que elle entendêra que a Rapoza tinha furtado alguma cou-

„ os que soffrem com discriçaõ, e
„ obedecem aos tempos, ainda que
„ pareçaõ Cananouras fracas, perma-
„ necem mais que os soberbos. „

FABULA LIX.

A Formiga, e a Cigarra.

NO Inverno tirava a Formiga da sua cova a assoalhar o trigo, que nella tinha, e a Cigarra com as mãos póstas lhe pedia que repartisse com ella, que morria á fóme. Perguntou-lhe á Formiga que fizera no Estio, porque naõ guardára para se manter? Respondeo a Cigarra: o Veraõ, e Estio gastei em cantar, e passatempos pelos campos. A Formiga entaõ, perseverando em recolher seu trigo, lhe disse: Amiga, pois os seis mezes de Veraõ gastastes em cantar, bailar he comida saborosa, e de gosto.

MO-

MORALIDADE.

« Notorio he significar-se pela
» Formiga o homem trabalhador,
» diligente , e guardoso. Por tanto
» nos ensina esta Fabula que sejamos
» como a Formiga : e naõ confiemos
» no que outrem nos ha de dar , ou
» emprestar ; que com razaõ se pó-
» de negar tudo ao preguiçoso , se
» he como a Cigarra affeiçoado a mu-
» sica , e passatempos. Porém tra-
» balhar , e guardar he caminho cer-
» to de naõ haver mister a nin-
» guem. »

FABULA LX.

O Caminhante , e a Espada

Achou hum Caminhante huma Espada bem guarnecida em meio da estrada , e perguntou-lhe , quem a perdêra , e deixára alli. Callou-se el-
la ,

la, e estve queda. Depois, sendo outra vez perguntada, respondeo: Ninguem me perdeo a mim, ainda que me vez lançada neste chaõ, antes eu fiz perder a muita gente; que dando occasiões a brigas, matei alguns homens, de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mórtos mais perdidos, se naõ estavaõ em graça: porque caminháraõ para o inferno.

MORALIDADE.

« Por esta espada entendo os homens desalmados, e mexeriqueiros, e que enganaõ a gente moça por máos respeitos, levando-a a casas de jogo, e outras peiores, desviando-os da desobediencia de seus pais; porque estes mataõ mil vezes famas, honras, fazendas alheias, e tambem vidas, e almas dos com que trataõ juntamente. »

FA-

FABULA LXI.

O ASNO, E O LEAÕ.

ENCONTRANDO-SE em hum caminho o Asno com o Leaõ, lhe disse: Subamos a hum outeiro, que quero que vejas os muitos animaes, que haõ medo de mim. Rio-se o Leaõ, e foi com elle. Zurrou o Asno, e fez fugir grande número de lebres, coelhos, zorras, e outros semelhantes. Disse-lhe entaõ: Que te parece? Vês este medo, com que fogem de mim? Fogem de ti, respondeo o Leaõ, os fracos; que saó os que cobraõ medo de ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço ás mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

MORALIDADE.

« Certo he, nos que querem mos-
» trar-se valentes, deitarem entre
» gente pacifica brados, e bravatas,
» para com ellas espantarem homens
» fracos, e muito quietos; mas o
» verdadeiro valente affronta-se de
» gritar, e de ouvir; porque pe-
» las obras, e naõ pelas palavras,
» se conhece cada hum. Naõ está
» na bocca a valentia, no coraçaõ
» consiste, e nos braços, parece-se
» o homem com o Asno, ou com o
» Leaõ. »

FABULA LXII.

A Gralha, e a Ovelha.

HUMA Gralha ociosa pousou sobre o pescoço da Ovelha, e alli a repelava, e lhe tirava a lã, picando-a por entre ella. Virou a Ovelha o rosto,

to, dizendo: Essa manha ruìm, e antiga houvéreis de deixalla esquecer; que podeis ir picar hum rafeiro no pescoço, e matar-vos-ha levemente. Respondeo a Gralha: Já sou velha, e sei muito, e conheço a quem posso aggravar, e a quem devo affagar. Naõ temas que me ponha no pescoço do caõ, senaõ no teu, que me naõ pódes fazer mal.

MORALIDADE.

« Esta Gralha significa alguns mal » revoltosos, que de contínuo andaõ » molestando com obras, e palavras » os homens de bem, e pacificos: mas » quando encontraõ algum duro dos » fechos encolhem os hombros, e pas» saõ com cumprimentos; porque com » ovelhas saõ Gralhas, e com Rafei» ros saõ Ovelhas.

FABULA LXIII.

O Boi, e o Veado.

POR fugir o Veado de hum caçador, se acolheo á Villa, e entrando medroso em huma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou se podia esconder-se alli. Disse o Boi que era muito certo o morrer, e que antes devêra tornar-se ao mato, e com tudo o escondeo, e o cobrio de palha. Veio o dono da estrebaria, e olhando por elle, vio as pontas do Veado. Foi descobrillo, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste á minha casa, naõ te quero matar, senaõ defender, e fazer muitos mimos.

MORALIDADE.

« Muitos, de mofinos, por fugi-
» rem da sertã, cahem nas brazas:

"mas ha alguns ditosos, como este
" Veado; e ditoso he quem sendo
" perseguido, acerta de se acolher a
" casa de Fidalgo, que o naõ seja
" só no nome; porque o tal (ainda
" que por outra parte deseja beber o
" sangue daquelle, que se vale de sua
" casa) obrigado do seu pundonor o
" salva, e favorece, deixando odios
" de parte por guardar pontos de
" honra.

FABULA LXIV.

O HOMEM, E O LEAÕ.

ANDANDO o Leaõ á caça, metteo hum estrépe no pé, com que naõ podia bolir-se. Encontrou hum homem, e mostrou-lho, para que lho tirasse. Fêllo assim o homem, e o Leaõ em paga partio da caça com elle. Dalli a muito tempo foi tomado este Leaõ para certas festas, e nellas

se

se lançavaõ homens, para que os matasse. Entre elles lhe lançáraõ este, que o curou, que estava prezo por algumas culpas. Porém o Leaõ naõ só o naõ matou, antes se pôz em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para elle.

MORALIDADE.

« Naõ he só Fabula a de cima,
» mas historia verdadeira, que Appi-
» no Polibio Grego a conta, e Aulo
» Gelio nas Noites Atticas, e delle
» o traz Baptista Fulgoso no quinto
» Livro. Todos dizem que o homem
» era cativo, e se chamava Androni-
» co. Deste Leaõ, naõ fabuloso, se-
» naõ verdadeiro, podemos aprender
» a ser agradecidos a quem nos faz
» bem, pois vemos que hum bruto
» taõ feroz mostra tamanho agrade-
» cimento. Pela mesma occasiaõ dizem
» que teve outro Leaõ S. Jeronymo,
» que lhe servia de carga, e compa-
» nhia. »

FA-

FABULA LXV.

O LOBO, E A RAPOZA.

O LOBO se aparelhou, e proveo sua cova muito bem de mantimento. A Rapoza chegou, e disse que obrigada de amor andava traz elle, por vêllo, e servillo. Naõ quero teu serviço, disse o Lobo; que tua intençaõ naõ he senaõ roubar-me, e comer-me o que eu tenho. Vendose a Rapoza alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e metteo-se de posse da sua cova, e de quanto estava nella; mas sobrevindo huns caçadores, foi achada dos cães, e feita em pedaços.

MORALIDADE.

« Na mórte desta Rapoza se de-
» clara o fim, que merecem os que
» desejaõ, e procuraõ a mórte a seus

 » pa-

» parentes por herdar delles; que
» os taes, se chegaõ a alcançar o
» que pretendem por meios taõ illi-
» citos, as mais das vezes naõ o
» gozaõ; e muitas o perdem com
» a vida, e honra; porque o mal
» adquirido, dizem os Latinos, que
» por entre as mãos se escorrega. »

FABULA LXVI.

O LEAÕ, E OUTROS ANIMAES.

ELEITO o Leaõ, Rei de todos os animaes, prometteo de a nenhum fazer mal. E logo chamando-os a cortes, os poz por ordem, e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que diziaõ que lhes cheirava mal, os matava. Os que diziaõ que bem, feria-os. Andando assim chegou á Mona, e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou, e dizendo que naõ fedia;

se foi. Porém o Leaõ, pela matar, se fingio doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou occasiaõ de a matar.

MORALIDADE.

" Por mais Bogio que o homem
" seja, naõ póde livrar-se do Rei
" tyranno; porque ou falle, ou naõ
" falle, ou diga bem delle, ou mal,
" lá se ha de buscar huma occasiaõ
" de o destruir, e como póde, e
" quer, faz tudo a seu salvo."

FABULA LXVII.

O VEADO, E O CAÇADOR.

BEBENDO o Veado em huma ribeira, vio nos seus cornos, ramos, e as pernas delgadas: parecêraõ-lhe as pernas mal, e ficou pesaroso de as ter, e por outra parte taõ satis-

feito da formosura dos córnos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem naõ sahia da agua, quando dá sobre elle hum Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes despresára, e elles o punhaõ em salvo. Mas entrando por hum arvoredo basto, embaraçavaõ-se-lhe os córnos com os ramos das arvores, com que se embaraçou, e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se preso, e ferido: Grande parvo fui; que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a mórte.

MORALIDADE.

« A CEGUEIRA deste Veado temos
» todos os que temos nossa bema-
» venturança em haver cousas, que
» depois de alcançadas, ainda que
» no principio nos alegrem, saõ de-
» pois causa de nossa destruiçaõ.

» Por tanto aprendamos a pedir
» a Deos nos dê cousas, com que o
» sir-

„ sirvamos, e nos salvemos; por-
„ que elle sabe o que a cada hum
„ he bom, e nós naõ sabemos na-
„ da. „

FABULA LXVIII.

A BICHA, E A LIMA.

BUSCANDO a Bicha de comer na tenda de hum ferreiro, foi topar com huma lima, e quiz roella; mas como os dentes naõ entravaõ pelo aço, dava-lhe muitas voltas, virando-a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse: Que fazes parvoa; naõ sabes que sou de ferro, e lima? Por muito que trabalhes desfarás os dentes, ou com os meus de aço bem temperados, cortarei dentes, e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

MO-

MORALIDADE.

“ Dous valentes sempre fogem de
” brigar, e hum máo poderoso guar-
” da-se de pelejar com outro pode-
” roso máo. Que entre iguaes he a
” briga duvidosa. Com os menores
” cada hum quer ser lima, e ser bi-
” cha. Nos grandes ninguem ousa
” metter dentes; porque tambem os
” tem para morder, e dizem que
” de cossario a cossario naõ se per-
” de mais que a monçaõ.”

FABULA LXIX.

OS CARNEIROS, E CARNICEIRO.

ESTANDO juntos huns Carnei-
ros, entrou o Carniceiro; e elles naõ
se alvoroçáraõ, nem fizeraõ caso dis-
so. Tomou o Carniceiro hum, e lo-
go o matou; e nem com vêr o san-
gue temêraõ os outros. Foi por dian-
te,

te, e os matou a todos hum a hum até o derradeiro, que vendo-se maniatado, disse: Por certo, com razaõ padecemos, pois vendo o nosso mal naõ quizemos entendello. No principio ás marradas nos poderamos defender, vendo que nos matavaõ, entaõ naõ quizemos; agora eu só naõ posso: e assim acabamos todos.

MORALIDADE.

« Diz o proverbio Portuguez que
» quando arderem as barbas de teu
» visinho, lances as tuas de remo-
» lho. Quem nos perigos alheios naõ
» se avisa, naõ he avisado; que ma-
» les alheios, bem notados, saõ dou-
» trina proveitosa para o prudente;
» mas quem o he taõ pouco, que se
» deixa ir pelo caminho, por onde vê
» que se perdem todos, este tal se
» perderá por sua culpa, e morrerá
» como o Carneiro. »

FA-

FABULA LXX.

O LOBO, E O ASNO DOENTE.

ESTAVA o Asno mal disposto, e foi o Lobo visitallo, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correo-lhe a maõ pelo rosto, e disse que queria curallo. Estava o Asno quedo, bem desejoso de se vêr cem legoas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: perguntou onde lhe dohia, e apertava-o, e arrepelava-o tanto, que disse o Asno: Onde quer que me pões a maõ, logo ahi me doe; mas rogo-te que te vas, e naõ me cures, que ido tu, sararei logo.

MORALIDADE.

« NUNCA saõ os máos taõ peçonhentos, como quando encobrem a peçonha debaixo de mostras de amor.

„ amor. Porque em fim sempre o Lo-
„ bo he máo; mas quando affaga
„ he peior: e mostras de piedade
„ no homem cruel, saõ laços que
„ arma para destruir o Asno, que se
„ fia delle."

FABULA LXXI.

A Pulga, e o Camello.

POZ-SE huma pulga sobre hum Camello carregado, e deixou-se ir sobre a carga huma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti: agora irás leve com pouca carga. O Camello se rio deste cumprimento, e respondeo: Nunca te sentí se te levava em cima, nem tu pódes carregar-me, nem alliviar-me; que naõ tens pezo para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu naõ tens pezo para te sentirem.

MO-

MORALIDADE.

« Homens ha leves como pulgas,
» que por se mostrarem de muita im-
» portancia, e privados de senhores,
» naõ fazem senaõ entrar, e sahir
» em suas casas, e tomaõ a maõ a
» outros, que vaõ como os Camellos
» carregados de negocios, sómente por
» mettêrem em cabeça a quem sabe
» pouco delles, que saõ tidos em con-
» ta, ou que prestaõ para alguma
» cousa.

FABULA LXXII.

O Caçador, e as Aves.

CONCERTAVA hum pobre Caçador as varas de visco; e as Aves olhando, estavaõ cantando á sombra das arvores, e gabando-o de bemfeitor, e primoroso. Hum passaro já experimentado disse aos outros:

fu-

fujamos logo todos, porque este que vedes, naõ quer mais que enviscar-nos, e prender-nos. Andemos pelo ar, até vêr o que acontece a outrem; porque este, e todos como elle, quantos de nós houverem ás mãos, ou lhes torcem o pescoço, ou lho cortaõ, e mórtos, ou presos nos mettem em sua taleiga.

MORALIDADE.

" SEMELHANTES saõ a estas aves,
" os que naõ conhecem o seu mal,
" senaõ quando cahem nelle. Mas o
" passaro velho significa qualquer ho-
" mem sisudo de experiencia, cujo
" conselho bem recebido muitas vezes
" livrou muita gente da mórte, e Ci-
" dades, ou Provincias inteiras de to-
" tal destruiçaõ.

FABULA LXXIII.

O CERVO, E O CAVALLO.

PELEIJÁRAÕ algumas vezes sobre o pasto, o Cervo, e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os córnos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a hum homem, e disse-lhe: Pŏe-me hum freio, e huma sella, e sóbe sobre mim, e matarás hum Veado, que aqui anda. Fêllo o homem assim: e morto o Veado, quiz o Cavallo que se apeasse; mas o homem àcolheo-se á posse, e o Cavallo ficou sempre sujeito ao freio, e sella, e a andar debaixo.

MORALIDADE.

« ESTA Fabula traz Horacio no
» primeiro das Epistolas, e declara,
» entendendo pelo Cavallo, aquelle
» que por comer, ou levar vantajem

" a outro, acceita servir a alguem,
" porque ficará sempre servo, por
" naõ se contentar com o que lhe bas-
" tava.

FABULA LXXIV.

O BUITRE, E MAIS PASSAROS.

O BUITRE convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solemnizar o seu Natal. Vieraõ muitas dellas, e recolhendo-as todas em hum aposento, depois que foraõ horas de cear, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Buitre, e cerra as portas, e começa a matallas a huma e huma. Todas com medo avoejavaõ, por naõ haver alguma que se atrevesse com elle. E em fim elle sem piedade as matou, porque para isso as convidou, ou ao menos para as pilhar.

MORALIDADE.

"QUANDO ricos, e poderosos fa-
" zem aos pequenos mais honra do
" que costumaõ, ou os convidaõ com
" huma mercê de bocca, ou com hu-
" ma cadeira grande fóra do costu-
" me, por averiguado tenhaõ que ou
" sahiráõ mórtos, ou pellados. Por-
" que os taes ordinariamente naõ
" estimaõ os outros, senaõ para seu
" proveito, para se servirém, ou das
" pessoas, ou das fazendas.

FABULA LXXV.

A RAPOSA, E O LEAÕ.

FINGINDO-SE o Leaõ enfermo, visitavaõ-o os outros animaes; e de quantos entravaõ na cova, nenhum deixava sahir. Elles obedeciaõ como a Rei; mas o Leaõ a hum, e hum os comia todos. Por derradeiro chegou a

Ra-

Raposa á pórta da cova, e perguntou-lhe como estava? Respondeo o Leaõ, porque naõ entrava a vêllo? Respondeo a Raposa que naõ era necessario, que devia estar a casa cheia de gente; que ella via muitas pégadas dos que entravaõ, e nenhuma de que sahissem para fóra.

MORALIDADE.

" TAMBEM Horacio explicou esta
" Fabula, comparando-se a si mesmo
" com a Raposa, dizendo que naõ
" queria seguir os vicios dos Roma-
" nos, porque vio como nenhum es-
" capava do castigo. Serve-nos logo
" de aviso que, pois vemos por expe-
" riencia os males sem remedio, em que
" daõ os homens estragados, que per-
" severaõ em seus erros, fujamos nós,
" como fazia esta Raposa, de seguir
" suas pégadas, naõ nos aconteça ou-
" tro tanto.

FABULA LXXVI.

O Carneiro grande, e pequenos.

TRES Carneiros moços, e hum marroco andavaõ pastando. Sahio o velho correndo, e fugindo. Os outros estavaõ pasmados, sem saber a causa, e como naõ entendiaõ seu perigo, riaõ-se do medo, e fugida do marroco, o qual vendo-os escarnecer lhes disse: Vós sois loucos, e ignorantes: naõ vedes que quando vem o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando elle vier, e vos matar, pesar-vos-ha de terdes escarnecido, e esperado.

MORALIDADE.

« Ordinaria causa he nescios, e
» cobardes zombarem de sisudos, e
» esforçados, e os menores dos maio-
» res; porque como os grandes tem

» mais,

„ e arriscaõ mais nos perigos, procu-
„ raõ com aviso guardar-se delles. Mas
„ os néscios, como naõ julgaõ isto por
„ aviso, senaõ por cobardia, nem en-
„ tendem as cousas, como carneiros
„ mamões, zombaõ simplesmente dos
„ homens abalizados.

FABULA LXXVII.

o Leaõ, e o Homem.

O HOMEM com o Leaõ alterca-
vaõ sobre qual era mais valente. O
Homem, para provar sua tençaõ, o
levou a hum sepulchro, onde estava
de pedra hum homem affogando hum
Leaõ, que tinha debaixo de si. O
Leaõ se rio de vêr isto, dizendo: Se
naõ fora homem o que isto aqui poz,
podéra ter algum crédito, mas sendo
homem he suspeito. Por tanto, dei-
xemos pinturas, e provemos isto pe-
lo braço. E logo isto dito estendeo o

Homem no chaõ, e o matou com muita facilidade.

MORALIDADE.

« Mostra esta Fabula que he cou-
» sa perigosa querer com palavras ap-
» parentes contradizer a verdade ma-
» ciça; porque fazendo-se depois pró-
» va, fica a mentira manifesta, e
» quem a defendia morto, e injuria-
» do: que a injúria he no homem di-
» gna de se sentir, e achar-se nelle
» que nega maliciosamente a verda-
» de. »

SUPPLEMENTO
Á S
FABULAS
DE ESOPO.

FABULA I.

A Panella de barro, e a de cobre.

HUMA corrente de agua levava duas panellas, huma era de cobre, outra de barro, e cada huma hia por sua banda. Disse a de Cobre á outra: Cada huma de nós só naõ tem força para fazer resistencia á agua, mas chega-te a mim, e ambas poderemos resistir-lhe. Naõ quero, disse a de

 bar-

barro, nem me vem bem, porque se na agua tu me deres huma topada, ou ta der a ti, de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu farme-hei em pedaços.

MORALIDADE.

" Quem faz bando com homem
" mais poderoso, corre grande risco,
" porque em fim os poderosos saõ de
" cobre, e os pobres de barro, e sem-
" pre quebra a corda pelo mais fra-
" co. E se dous poderosos tem brigas,
" e depois querem concertar-se, fazem
" taõ pouco caso da honra dos pobres,
" que os ajudáraõ nellas, que muitas
" vezes fazem concertcs, como fez
" Augusto com Lepido, e Marco
" Antonio, que por se vingarem de
" seus inimigos, cada hum entregou
" seus amigos á mórte.

FA-

FABULA II.

O Aspide, e seu Hospede.

HUM bicho peçonhento, por nome Aspide, se recolheo em casa de hum Homem, que o agasalhou, e manteve-o alguns dias. Era o bicho prenhe, e pario alli, e hum dos filhos mordeo hum filho do homem, de que morreo. O Aspide, que vio o homem chorar diante delle, matou todos os filhos, e se sahio de casa, e nunca mais tornou a ella.

MORALIDADE.

« Esta Fabula traz por verda-
» deira Baptista Fulgoso no quarto
» Livro. E com o exemplo deste bi-
» cho reprehende os que naõ saõ agra-
» decidos aos beneficios, que rece-
» bem: pois hum bichinho irracional,
» e de natureza máo, mostrou a quem
» lhe

» lhe fez bem, taõ grande agradeci-
» mento. »

FABULA III.

O CAÕ, E SEU DONO.

HUM Caõ de hum Ortelaõ chegou ao poço, e como em baixo vio sua figura, começou a affeiçoalla; e tanto fez, e bollio, que cahio no poço. Andava o Caõ meio affogado, e o Ortelaõ com dó delle desceo abaixo junto da agua, para o tirar, e como lhe pegasse, o Caõ lhe metteo os dentes no braço, e o atravessou: o Ortelaõ o largou com a dôr, e o Caõ dahi a pouco affogou-se.

MORALIDADE.

« POR este Caõ se entende o pec-
» cador, que quando alguem com
» bons conselhos o quer tirar do po-
» ço

„ ço dos peccados vira-se a mordello
„ com affrontas de obras; mas o que
„ ganha o tal he que seu ajudador o
„ larga, e se Deos naõ lhe acode af-
„ foga-se, e acaba em seus vicios,
„ para ir começar a pagallos no in-
„ ferno. „

FABULA IV.

A Raposa, e a Doninha.

A RAPOSA andava faminta, e por huma greta da parede entrou em hum celleiro de trigo. Como lá se achou dentro fartou-se á vontade, e engrossou de maneira, que naõ pode sahir por onde entrára. Disse-lhe entaõ a Doninha: Se te agastas de te vêr preza, torna a adelgaçar, e poderás sahir. Disse-lhe a Raposa: Tu tens razaõ, e eu antes quero padecer fome, que estar preza.

MORALIDADE.

« QUANTO o homem mais tem,
» mais prezo está, e mais sujeito he.
» O pobre póde entrar, e sahir sem
» pejo, e se naõ come tanto, tem
» maior liberdade, a qual por nenhu-
» ma fartura deve trocar o homem
» sabio. »

FABULA V.

A NORA, E A SOGRA.

HUMA mulher casada, que tinha sogra, estava muito mal com ella, e huma á outra se tinhaõ má vontade. Acertáraõ de mandar a esta mulher certas cousas de doce, entre as quaes vinha huma mulher, feita de especie. E disse quem as trazia, que aquella era a figura de sua sogra. Ella partio huma migalha, que met-

metteo na bocca, e tornando-a a cuspir, disse: Basta que he sogra, que até de açucar amarga.

MORALIDADE.

« ALEM de mostrar esta Fabula
» huma cousa taõ ordinaria como he
» odio entre noras, e sogras, tam-
» bem nos ensina quaõ má cousa he
» o odio, e quanto para fugir, pois
» faz que o açucar pareça fel; co-
» mo se vê muitas vezes, quando
» a boa obra, que hum inimigo faz
» a outro, elle a naõ quer aceitar,
» antes a despresa, e tem por má. »

FA-

FABULA VI.

O ASNO, E A COBRA.

PEDIRAÕ os homens a Jupiter, em paga de hum serviço, que nunca envelhecessem; o que elle concedeo. Tomou a mocidade, e pôlla sobre hum Asno, e mandou que a levasse aos homens. Indo o Asno seu caminho chega a hum ribeiro com sede: estava nelle huma Cobra, e disse que o naõ deixaria beber daquella agua, se naõ lhe desse o que levava ás cóstas. O Asno, que naõ sabia o preço, lhe deo a mocidade pela agua. Pelo que os homens ficáraõ envelhecendo, e as Cobras renovando-se cada anno.

MORALIDADE.

" MOSTRA esta Fabula que as cou-
" sas de importancia naõ se commet-
" tem a homens parvos; porque qual-
" quer manhosa cobra com qualquer
" cousa os vence, e faz que descu-
" braõ o segredo alheio, ou desba-
" ratem os negocios, que lhes saõ
" commettidos, cujo pezo, e im-
" portancia naõ entendem. "

FABULA VII.

O CORVO, E O ESCORPIAÕ.

SAHIA da sua toca hum Escor-
piaõ, e o Corvo, que o vio, aba-
teo-se á terra, e o levou nas unhas:
depois de voar hum espaço, para
comer o que caçára, pousou no chaõ;
mas o Escorpiaõ picou o Corvo de
maneira, que cahio morto, e elle
foi livre em paz.

MO-

MORALIDADE.

« Este Corvo significa os que,
» como diz o adagio, vaõ buscar
» lã, e tornaõ tosquiados. Assim
» acontece muitas vezes que quem
» arma a trampa, esse cahe nella,
» e o que ordena a trahiçaõ morre
» em poder de trahidores. »

FABULA VIII.

o Ladraõ, e o Anjo.

Dormia o Ladraõ ao longo de huma parede, e vio entre sonhos hum Anjo, que o acordava, dizendo: Levanta-te, e guarda-te daqui. Acordou o Ladraõ, e apartando-se da parede, vio-a vir de subito ao chaõ. Ficou deste acontecimento muito alegre, e soberbo, crendo que por sua virtude o guardára Deos. Mas tor-

tornando a dormir, tornou a vêr o Anjo, que lhe dizia. Naõ te ensoberbeças, que se hontem te guardei, foi porque naõ era aquella tua mórte, se naõ a da forca, para que estás guardado.

MORALIDADE.

« Na força do inferno vaõ a pa-
» rar os que das mercês, que Deos
» lhes faz, tomaõ occasiaõ de o of-
» fender, e serem mais soberbos. E
» esta Fabula nos avisa, e ensina
» que a muitos favorece a fortuna
» por seu mal. Muitos vivem, que
» lhes fora melhor morrer. Pelo que
» hum Philosofo, escapando de hu-
» ma casa, que se arruinou, e ma-
» tou muita gente, disse com hu-
» mildade: Oh ventura, para que
» occasiaõ me terás guardado? »

FABULA IX.

A BICHA, E O CABRITO.

ANDAVA pastando huma Cabra com o filho apoz si, e pizou huma Bicha acaso com os pés, ella assanhada, levantando-se hum pouco, picou a Cabra em huma teta; mas como o filho logo viesse a mamar, e chupasse com o leite a peçonha da Bicha, salvou a Mãi, e elle morreo.

MORALIDADE.

« MOSTRA-SE nesta Fabula o que
» acontece muitas vezes nesta vida
» pagar o justo pelo peccador, co-
» mo aqui pagou o filho pela Mãi,
» e muitos filhos saõ temporalmente
» castigados pelos peccados dos Pais:
» antes o mundo he taõ contrario aos
» justos, que, como o Poeta diz,
» Ma-

„ Mata as pombas, e cria os cor-
„ vos: quer dizer: Sustenta aos
„ máos, e persegue os innocentes. „

FABULA X.

A RAPOZA, E O LEAÕ.

TINHA a Rapoza sua cova bem fechada, e estava dentro gemendo, porque estava enferma: chegou á pórta hum Leaõ, e perguntou-lhe como estava, e que lhe abrisse, porque a queria lamber, que tinha virtude na lingua, e elle lambendo-a, logo havia de sarar. Respondeo a Rapoza de dentro: Naõ posso abrir, nem quero: creio que tem virtude a tua lingua; porém he taõ má visinhança a dos dentes, que lhe tenho grande medo, e por tanto quero antes soffrer-me com meu mal.

MORALIDADE.

« Avisa-nos esta Rapoza que
» quando nos offerecem alguma obra
» boa, notemos as circunstancias del-
» la; que ás vezes saõ taes, que
» custaõ muito mais do que vale a
» obra pia. »

FABULA XI.

Hercules, e os Pigmeos.

Na terra dos Pigmeos, gente que naõ chega a dous palmos, estava Hercules dormindo á sombra de huma arvore com a sua Maça a par de si, e a pelle do Leaõ á cabeceira. Juntáraõ-se muitos Pigmeos apostados a matallo, e foraõ pegar nelle, de modo que acordou. E só enxotando-os com a pelle do Leaõ, como quem enxota mosquitos, matou

gran-

grande número delles, e tornou-se a deixar dormir.

MORALIDADE.

« ALCIATO nos seus emblemas poz
» esta Fabula. Entende por estes a
» gente temeraria, que, naõ medin-
» do suas forças, commette cousas
» maiores do que elles pódem aca-
» bar: e nasce daqui que morrem
» parvoamente, e ficaõ para sempre
» affrontados. »

FABULA XII.

O CAÇADOR, E A BICHA.

HUM Caçador armava laços aos Gaviões; e com a espingarda tambem andava a matar tordos. Succedeo que trazendo o sentido nas arvores, e os olhos, pizou huma Bicha com o pé, sem o saber, a qual o mor-

deo no calcanhar, de que inchou logo. Estando assim acabando, disse: Morro, e com razaõ me castigou a Bicha; porque estando na terra quem podia matar-me, eu me occupava em querer matar os que andavaõ sobre as nuvens.

MORALIDADE.

« Nesta Fabula do Caçador se
» reprehende a vaidade dos Astrolo-
» gos, que querem adivinhar as
» cousas do Ceo, naõ entendendo,
» pela maior parte, as da terra; e
» gastaõ o tempo em querer com o
» entendimento caçar, e saber as mór-
» tes alheias, e nunca entendem a
» sua; nem sabem guardar-se del-
» la. »

FABULA XIII.

A Cigarra, e a Andorinha.

A ANDORINHA criava seus filhos, e buscando-lhes de comer, tomou huma Cigarra na bocca. Pedia-lhe ella que a soltasse, e allegava-lhe que eraõ ambas confórmes; porque ambas eraõ musicas, e ambas cantavaõ sómente pelo Veraõ. Pois só por isso, disse a Andorinha, porque tu me arremedás, te matára eu, ainda que meus filhos naõ tiveraõ necessidade.

MORALIDADE.

« Prova-se nesta Fabula que o » official de teu officio he teu ini» migo. »

FABULA XIV.

O SOLDADO, E O PIFANO.

HUM Soldado velho aposentado, e enfadado da guerra, por se tirar de occasiões, assentou de queimar todas as armas, que tinha, e pondo-o em effeito tinha entre ellas hum Pifano, o qual lhe rogava que naõ quizesse queimallo, dizendo que elle naõ era arma, nem instrumento de matar, ou ferir, pelo que naõ merecia pena. Tu a mereces maior, respondeo o Soldado, e a ti hei de queimar primeiro; porque naõ prestando tu para pelejar, atiçavas os outros, se matassem na peleja, e logo o queimou com as armas.

MORALIDADE.

« NA figura do Pifano se mostra » o castigo, que merecem alguns

» co-

„ cobardes , que servem de urdir
„ brigas com a lingua , e tomaõ o
„ officio do diabo , tecendo meadas ,
„ e incitando a mal , gente pernicio-
„ sa na República ; e que os deli-
„ ctos , que por sua causa se fizes-
„ sem , deverâõ ser castigados em
„ dobro. „

FABULA XV.

O Homem , e a Burra.

HUM Homem trabalhador cavava em huma horta de noite , e de dia em plantar couves , e outra hortaliça , e tanto que cresciaõ , mettia dentro huma burra , que naõ fazia senaõ comer-lhas ; pelo que , com todo seu trabalho cada vez era mais pobre. E queixando-se disto a hum visinho ; respondeo-lhe : Vós sois cégo. Quanto trabalhais vos come a burra. Trabalhai menos , e guardai del-

della vossa hortaliça, luzir-vos-ha o trabalho.

MORALIDADE.

« Nesta Fabula se pinta o que
» acontece ao homem amancebado;
» ou casado com mulher esperdiça-
» da. Cava, e súa, e ella lhe con-
» some tudo. Do que o visinho lhe
» aconselhava podemos aprender a
» fugir de más mulheres, e olharem
» por suas fazendas os que as tem
» proprias, e desbaratadas, se que-
» remos que nos luza o que traba-
» lhamos. »

FIM.

IN-

INDICE.

A

O

O

SUPPLEMENTO.

Li-

Livros impressos por Francisco Rolland, *Impressor-Livreiro em Lisboa.*

Aventuras de Telemaco, com Notas, em 8.

Atlas moderno com 24 Mappas, em 8. 1791.

Adagios da Lingua Portugueza, em 8.

Arte de Prégar segundo o Espirito do Evangelho, em 8.

Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano, em 8.

Avisos Religiosos por hum Benedictino, em 8. 4 Vol.

Amigo do Principe, e da Patria, em 8.

Belizario de Marmontel, em 8.

Bom Lavrador, ou o Apaixonado da Lavoura, em 8.

Boa Lavradora, ou a Caseira Economica, em 8.

Cartas sobre as Modas de Lisboa, em 8. 1789.

Catecismo Romano abbreviado, em 8.

Costumes dos Israelitas por Fleury, em 8.

Costumes dos Christãos pelo Mesmo, em 8. 2 Vol.

Descripçaõ das Enfermidades dos Exercitos, em 8.

Diario do Christaõ, em 12.

Discurso sobre o modo de fomentar a Industria popular, em 8.

Dia-

Dialogos dos Mórtos para desabusar a Mocidade, em 8.
Desvarios da Razaõ, em 8. 3 Vol. 1789.
Escóla fundamental de lêr, escrever, e contar, em 8.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos Moraes, em 8. 6 Vol.
Elementos da Civilidade, augmentados com a Arte de agradar na Conversaçaõ, e com o Tratado da Dança, em 8. 1788.
Espirito do Christianismo, em 8.
Elementos da Poetica de P. J. da Fonseca, em 8.
Fabulas de Esopo, com applicações moraes, Segunda Ediçaõ, correcta, e emendada; em 8. 1791.
Homem Escrupuloso, em 8.
Historia de Carlos Magno, em 8. 3 partes em 2 Vol.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8. 1788.
Historia Geral de Portugal por la Clede, em 8. 14 Vol.
Historia Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 14 Vol.
Historia Universal de Millot, em 8. 9 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux, em 8. 9 Vol.
Historia de Theodosio o Grande, em 8.
Heroismo da Amizade, Poema, em 8.
Imitaçaõ de Christo por Kempis, em 12.

Imi-

Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.

Livro dos Meninos. Segunda Ediçaõ correcta, e augmentada com as Sentenças de Milord Kint, em 8. 1791.

Laura de Anfriso, Poesias de Manoel da Veiga, em 8.

Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol.

Miserere exposto em pensamentos, &c., em 8.

Medicina Domestica de Buchan, em 8. 4 Vol. 1791.

Com brevidade publicarei os Tomos 5. e 6.

Naufragio de Sepulveda, Poema, em 8.

Noticia da Mythologia, em 8.

Noites d'Young, com notas: Segunda Ediçaõ corecta, e emendada pelo Traductor dos Seculos Christãos, e da Historia de Portugal de La Clede, em 8. 2 Vol. 1791.

Noites Clementinas, Poema, em 8.

Obras do Marquez de Caraccioli, em 8. 3 Vol.

Vendem-se separadamente, a saber:

Despedidas da Marechal, em 8.

Retrato da Mórte, em 8.

O Gozo de Si Mesmo, em 8. 1789.

Officio da Semana Santa, em 12. fig.

Orthografia da Lingua Portugueza por Duarte Nunes de Lyaõ, èm 8.

Obras de Francisco de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.

Obras

Obras de Domingos dos Reis Quita, em 8. 2 Vol.
Paraiſo Perdido, e Reſtaurado, Poemas de Milton, em 8. 2 Vol. 1789.
Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
Perfeito Pedágogo, em 12.
Peregrinaçaõ de hum Chriſtaõ, em 8.
Prática da Devoçaõ do Coraçaõ de Jeſus, em 8.
Reflexões ſobre a Miſericordia de Deos, em 8.
Reflexões ſobre a vaidade dos Homens, em 8.
Regras da Verſificaçaõ Portugueza, em 8.
Secretario Portuguez, com 2 Supplementos, em 8.
Sciencia dos Coſtumes, Ethica Chriſtã, em 8.
Syntaxe Latina explicada, em 8.
Tratado das Obrigações da Vida Chriſtã, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Theſouro de Prégadores, em 8. 2 Vol.
Theatro Eſtrangeiro, em 8. 6 Num.
Vida de Chriſto na Eucariſtia, em 8.
Vida de D. Joaõ de Caſtro, em 8. fig.

Com